



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ALTAMIRA
FACULDADE DE LETRAS DALCÍDIO JURANDIR

ACÁCIO BATISTA PIMENTEL

**FESTIVIDADE DE SÃO BENEDITO DAS FORTUNAS, EM
(SOUZEL) SENADOR JOSÉ PORFÍRIO - PA: UMA LEITURA
ICONOGRÁFICA DE ELEMENTOS DA CULTURA POPULAR**

ALTAMIRA – PARÁ
2025

ACÁCIO BATISTA PIMENTEL

FESTIVIDADE DE SÃO BENEDITO DAS FORTUNAS, EM (SOUZEL) SENADOR
JOSÉ PORFÍRIO-PA: UMA LEITURA ICONOGRÁFICA DE ELEMENTOS DA
CULTURA POPULAR

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Letras,
Campus de Altamira, Universidade Federal do Pará, como requisito
único para obtenção do grau em Licenciatura Plena em Letras –
Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Me. Adelson Luiz Bayma da Silva

ALTAMIRA – PARÁ
2025

PIMENTEL, Acácio Batista. Festividade de São Benedito das Fortunas, em (Souzel) Senador José Porfírio - PA: uma leitura iconográfica de elementos da cultura popular. Trabalho de conclusão de Curso – Universidade Federal do Para. Campus Altamira, 2025.

Banca Examinadora:

Prof. Me. Adelson Luiz Bayma da Silva - UFPA
Orientador

Prof. Dr. José Valtemir Ferreira da Silva - UFPA
Examinador 1

Prof. Dr. Fledys do Nascimento Sousa - UFPA
Examinador 2

Dedico este trabalho a meus pais por todo o incentivo e ajuda para isto se tornasse possível.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, quero agradecer a Deus por me conceder o dom de buscar conhecimento, e ser curioso, sem ele, claro, não conseguiria vencer meus obstáculos. Quero deixar minha imensa gratidão aos meus pais que me deram todo os incentivos possíveis que precisei.

A meus irmãos, quero agradecer de coração a força que transmitiram para mim e momentos de que me faltava ânimo para continuar. E a todos os amigos que fiz pela minha passagem acadêmica, deixo minha gratidão e admiração, com certeza irei levar muitos amigos verdadeiros para o resto da minha vida.

E com muito carinho quero também agradecer aos meus cachorros de estimação, que, por muitas vezes me mantiveram feliz com suas companhias. E não poderia deixar de agradecer a meu querido ex-companheiro, que durante 5 anos manteve a paciência comigo e pelo menos tentou entender meu estresse durante minha passagem pela graduação. A meu professor Adelson Bayma pela paciência em orientar esta pesquisa bem como todo seu incentivo e cobrança para que eu chegasse à conclusão do curso de Letras – Língua Portuguesa. E por último, agradeço aos meus amigos de longas datas, que mantiveram com o pé no chão, e me encorajaram a não desistir do processo.

“O estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais”

(BRASIL, 1988, p.120)

LISTA DE IMAGEM

Imagem 01. Manuscrito histórico da Festividade de São Benedito das Fortunas

Imagem 02. Pequeno glossário dos elementos ritualísticos da festividade de São Benedito das Fortunas

Imagem 03 e 04: Ramada e Capela do São Benedito da Fortunas

Imagem 05 e 06: Altar e Imagem do São Benedito da Fortunas

Imagem 07 e 08: Levantação e Derruba do Mastro de São Benedito das Fortunas

Imagem 09 e 10: Procissão de São Benedito das Fortunas

Imagem 11 e 12: Meia-Lua ou Procissão Fluvial de São Benedito das Fortunas

Imagem 13 e 14: Almoço com São Benedito das Fortunas

Imagem 15 e 16: A festa dançante na ramadinha

Figuras 17 e 18: Alvorada de São Benedito das Fortunas

Imagem 19 e 20: A Varrição da ramada de São Benedito das Fortunas

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

B333f Batista Pimentel, Acácio.
FESTIVIDADE DE SÃO BENEDITO DAS
FORTUNAS, EM (SOUZEL) SENADOR JOSÉ
PORFÍRIO-PA : UMA LEITURA ICONOGRÁFICA DE
ELEMENTOS DA CULTURA POPULAR
/ Acácio Batista Pimentel. — 2025.
58 f. : il. color.

Orientador(a): Prof. Me. Adelson Luiz Bayma da Silva
Trabalho de Conclusão (Graduação) - Universidade
Federal do
Pará, Campus Universitário de Altamira, Faculdade de
Letras - Língua Portuguesa, Altamira, 2025.

1. São Benedito das Fortunas. 2. Memória iconográfica.
3. Tradição Popular. I. Título.

CDD 410

RESUMO: Este trabalho de conclusão de curso corresponde a uma pesquisa sobre aspecto da cultura religiosa de expressão popular ribeirinha e sobre a tradição que perdura na comunidade. O objetivo é descrever, a partir da iconografia, os elementos simbólicos de relevância na festividade de São Benedito das Fortunas, em (Souzel) Senador José Porfírio – PA. O trabalho parte do pressuposto de que os elementos ritualísticos e simbólicos dessa festa popular se mantêm vivos, desde o Século XIX devido à devoção popular, mais como elemento cultural, independentemente do alinhamento com a igreja católica. A pesquisa é do tipo bibliográfica e de campo e tem enfoque qualitativo. A metodologia se baseia em análise de documentos sacros e imagens fotográficas. Quanto ao embasamento teórico, é fundamentada na Teoria Semiótica da Cultura, de R. Jakobson (2010). Os elementos simbólicos são descritos a partir das concepções sobre Iconografia, de Erwin Panofsky (1892- 1968), Wagley (1913), Eliade (1979 e 1992), Hall (2011) e Williams (1992) entre outros. Quanto aos resultados, pretendemos que o trabalho possa contribuir culturalmente como informação dessa tradição contextualizada no tempo e espaço.

Palavras-chaves: São Benedito das Fortunas; memória iconográfica; tradição popular.

ABSTRACT: This final project is a research project on aspects of religious culture expressed in popular riverside communities and the tradition that endures within the community. The objective is to describe, based on iconography, the symbolic elements of relevance in the festival of Saint Benedict of the Fortunes in (Souzel) Senador José Porfírio, Pará. The work is based on the assumption that the ritualistic and symbolic elements of this popular festival have remained alive since the 19th century due to popular devotion, more as a cultural element, regardless of its alignment with the Catholic Church. The research is bibliographical and fieldwork-based, with a qualitative focus. The methodology is based on the analysis of sacred documents and photographic images. The theoretical framework is based on R. JAKOBSON's Semiotic Theory of Culture (2010). The symbolic elements are described based on the concepts of iconography by Erwin Panofsky, Wagley (1892-1968), Eliade (1979 and 1992), Hall (2011), and Williams (1992), among others. Regarding the results, we hope that the work will contribute culturally by informing this tradition contextualized in time and space.

Keywords: Saint Benedict of Fortune; iconographic memory; popular tradition.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. TEORIA SEMIÓTICA DA CULTURA E A FUNÇÃO SOCIAL DOS SÍMBOLOS NA COMUNICAÇÃO.....	13
2.1 A Semiótica da Cultura.....	13
2.2 Cultura Popular: conceitos e significados	14
3. A RELIGIOSIDADE NA CULTURA BRASILEIRA: O CULTO A SÃO BENEDITO	19
3.1 O culto a São Benedito: aspectos históricos.....	19
3.2 A religiosidade na cultura popular brasileira	23
4. DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS - ICONOGRAFIA DO FESTEJO DE SÃO BENEDITO DAS FORTUNAS, EM SOUZEL - SENADOR JOSÉ PORFÍRIO – PA.....	30
4.1 Sobre Iconografia.....	30
4.2 <i>Lócus</i> da pesquisa	31
4.3 São Benedito das Fortunas ou São Benedito Gito.....	32
4.4 Ritos da Festividade de São Benedito das Fortunas: entre o sagrado e o profano	34
4.5 Elementos Simbólicos e seus Significados	35
4.6 Análises dos elementos simbólicos da Festividade de São Benedito das Fortunas .	45
CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
REFERÊNCIAS.....	55

1. INTRODUÇÃO

A proposta deste Trabalho de Conclusão de Curso (TC) é fazer uma reflexão acerca de como a religiosidade se manifesta a partir da cultura simbólica a qual se traduz em cultura popular. Discutimos a funcionalidade de um conjunto de símbolos/ações presentes na manifestação de fé de uma comunidade. Suas crenças e atos simbólicos são descritos e analisados a luz da Teoria Semiótica, de Roman Jakobson, que trata da cultura popular simbólica. Nesta pesquisa levamos em conta os elementos de identidade cultural contidos na festividade de São Benedito das Fortunas, em Senador Jose Porfírio – PA. Quanto às análises, foi considerada a cultura religiosa, levando em conta o espaço-lugar dos sujeitos, sua cultura e suas necessidades.

O foco dos estudos são os símbolos utilizados na festividade de São Benedito das Fortunas. A história desse santo é muito difundida pelo mundo católico. De acordo com Oliveira (2017, p. 58), a versão mais aceita da origem de São Benedito indica que o religioso era italiano, nascido na Sicília, região no extremo Sul do país, em uma data incerta entre 1524 e 1526, tinha como característica a pele escura, que lhe rendeu o apelido de “mouro”. Era filho de escravos. São Benedito pode não ser um santo tão famoso quantos outros que são cultuados mundialmente na igreja católica, mas no Brasil, sobretudo no interior, ele é um santo forte. São Benedito viveu até 1589, quando morreu aos 65 anos. Foi beatificado em 1743, enfim, canonizado em 1807.

Com este trabalho objetivamos descrever, a partir da iconografia, os elementos simbólicos de relevância na festividade de São Benedito das Fortunas. Para a organização da pesquisa partiu-se do pressuposto de que o elemento ritualístico e simbólico desta festa popular se mantém vivo por mais de 100 anos devido à devoção popular, mais como elemento cultural, independentemente do alinhamento com a igreja católica.

A pesquisa é do tipo bibliográfica e de campo e tem enfoque qualitativo. Documentos sacros e imagens fotográficas e depoimentos colhidos na comunidade serviram de base metodológica que tem como referência os documentos públicos, obras teóricas, dissertações e teses, além de artigos publicados em revistas *Qualis* Capes. A pesquisa terá como modalidade o método qualitativo cuja abordagem é centrada no método de procedimento comparativo considerando o marco temporal o ano de 2024 e 2025. O uso do método qualitativo será necessário porque ele tem como objetivo “propor uma explicação do conjunto de dados reunidos a partir de uma conceituação da

realidade percebida ou observada” (Chizzotti, 2001, p. 69). Também foi aplicado o método comparativo porque, segundo Gil (1991, p. 35), ele “procede pela investigação de indivíduos, classes, fenômenos ou fatos, com vistas a ressaltar as diferenças e similaridades entre eles”. E outro aspecto levantado por Lakatos e Marconi (2003, p. 107) é que “o estudo das semelhanças e diferenças entre os indivíduos para uma melhor compreensão do comportamento destes”. O local destinado à realização deste estudo (*locus da pesquisa*) foi o município de *Senador Jose Porfírio - PA*, zona urbana. Tal escolha se faz necessária pelo fato de eu ser filho de Souzel e por conhecer muito bem essa comunidade e também por conter o menor número de habitantes, se comparado aos municípios da mesorregião Transxingu, onde outrora, concentrava-se um número significativo de negros e etnias indígenas - *Aricari, Tucunapena e Arara*.

Para a realização da pesquisa foi feito uso de formulário de pergunta e resposta, além de dados colhidos por meio de observação/conversa informal junto à comunidade; foi utilizada a técnica de entrevista gravada em áudio. Ao referir-se ao questionário Gil (1991, p. 124) diz que é uma “técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, etc.”; com auxílio de aparelho celular, com aplicativo fotográfico digital e ou gravador de voz portátil e, a caderneta de campo para os casos de registros quando não for possível aplicar a gravação. Nesta pesquisa foram utilizados todos os documentos legais para “entrada em campo” Resolução CNS 510/2016, como: 1) Carta de Apresentação, 2) Carta de Aceite, 3) Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, 4) Autorização para gravação da entrevista e, 5) Autorização para fotos e ou filmagem.

Quanto à coleta dos dados foi feita a partir de aplicação de formulário de pergunta/resposta (perguntas abertas e fechadas), feitas com vinte (20) informantes mais da comunidade, sendo 10 do sexo masculino e 10 do sexo feminino, totalizando um quantitativo de 20. A eles foi aplicado o formulário de questões com 05 perguntas que, conforme a situação foi respondida oralmente a partir de conversa informal gravada em áudio. Esta coleta de dados foi executada no período de novembro de 2024 a maio de 2025. O roteiro de perguntas teve basicamente 05 perguntas básicas:

1. Como era a festa de São Benedito antigamente nesta localidade?
2. Quais os rituais mais conhecidos dessa festa religiosa?
3. Quais os símbolos são mais representativos dessa festividade mordomos, Meia-Lua, mastro, pedra, bandeiras, farofa,

fitas e as cantorias (cujas letras pouco se sabe) ou a Dança do Solto? 4. Por que os donativos que ficam no mastro são objetos geralmente comprados em supermercados pelos moradores desta localidade atualmente? 5. O/a senhor(a) sabe por que a igreja católica não aceita essa festividade como uma manifestação religiosa?

Quanto o tratamento dos dados fez-se uma análise qualitativa dos dados. Nessa abordagem pode-se fazer uma leitura interpretativa seguindo os objetivos do trabalho. Na sequência foram analisados os símbolos informados, juntamente com os dados documentais pesquisados. Para a análise da amostragem foi feita uma seleção aleatória de 50% dos formulários de cada seguimento totalizando um quantitativo de 30 (formulários), descritos os mais recorrentes nas respostas dos informantes. A abordagem qualitativa foi necessária, pois, “supõe a descrição dos eventos para submetê-los à análise” (Chizzotti, 2001, p. 69). Cada símbolo foi analisado os significados usando comparações com a pesquisa de Bayma (2002).

A informação do sentido/significado de conhecimento do informante também fazem parte da amostragem simbólica. Por fim foi organizada uma amostragem contendo nomes dos elementos semióticos que estão presentes em uso na festividade da comunidade, ou seja, apontando como o esses aspectos, de fato, estão presentes na cultura e no pertencimento dos souzelenses e como isto implica positivamente na cultura local.

A partir dessas informações foi feita a análise de cada um dos símbolos designativos quanto à representatividade apresentado em gráfico, segundo as informações colhidas, até porque se considerou as orientações de Bourdieu que explicita que “a construção de um objeto de pesquisa deve funcionar como um sinal que lembra o que fazer e saber para guiar a pesquisa. Além disso, os objetos de pesquisa são realidades que atraem a atenção do investigador por serem realidades notadas” (Bourdieu, 1998, p. 2).

Sobre a história da devoção, segundo Oliveira (2017, p. 28), historicamente, os povos ocidentais foram moldados através da catequização, processo que construiu culturas e intensificou os múltiplos significados atribuídos à palavra "cultura". Para pequenos grupos, a cultura assume papel fundamental na preservação da identidade comunitária. O legado da adoração aos santos, trazido pelos colonizadores portugueses, reflete uma conjuntura atual. Embora a cultura brasileira tenha forte influência portuguesa, ela também é enraizada nas tradições africanas e indígenas. Após a

separação entre Igreja e Estado, houve maior autonomia nas práticas religiosas, possibilitando a construção de tradições próprias. A cultura brasileira é composta pela mistura dos vários elementos que formaram a identidade nacional, oriunda principalmente das tradições do branco europeu, o negro africano e dos indígenas. Essa multimistura de crenças, saberes e conhecimentos, juntamente ao conjunto de elementos como as lendas, contos, mitos e histórias sobre criaturas e seres fantásticos que habitam o imaginário dos povos tradicionais de diversas regiões do país.

Segundo Camara Cascudo (1979, p. 98), pode-se definir o folclore, na cultura popular como um conjunto de mitos e lendas que as pessoas passam de geração para geração, muitos nascem da pura imaginação das pessoas, principalmente dos moradores das regiões do interior do Brasil. Muitas destas histórias foram criadas para passar mensagens importantes ou apenas para assustar as pessoas. O folclore pode ser dividido em lendas e mitos. Muitos deles deram origem a festas populares, que ocorrem pelos quatro cantos do país.

As lendas são histórias contadas por pessoas e transmitidas oralmente através dos tempos. Misturam fatos históricos com acontecimentos que são frutos da fantasia. E, com base nesse caldeirão de saberes e que foram analisados os símbolos da festividade de São Benedito das Fortunas, enquanto cultura local.

Esta pesquisa tem como referência a obra *A Identidade Cultural na Pós-modernidade* do antropólogo Stuart Hall (2011), que propõe que o sujeito social é formado por um conjunto de valores transmitidos por símbolos culturais. Partindo do conceito de cultura de Raymond Williams, do século XIX, que destaca a pluralidade de significados do termo, nota-se que o objeto deste estudo compartilha significados comuns com outras comunidades, ao mesmo tempo mantém particularidades em suas manifestações religiosas.

Este trabalho está estruturado em quatro seções. Na primeira parte, fazemos uma abordagem introdutória dos itens abordados; na segunda seção, aborda-se a temática da cultura e a teoria semiótica da cultura popular e seus aspectos simbólicos na comunicação; na terceira parte, tratamos da religiosidade na cultura brasileira e o culto a São Benedito. Na quarta parte tratou-se dos elementos iconográficos fazendo uma descrição e análise descritivo-interpretativa dos elementos simbólicos contidos nos festejos de São Benedito das Fortunas, em Souzel (Senador Jose Porfírio - PA).

2. TEORIA SEMIÓTICA DA CULTURA E A FUNÇÃO SOCIAL DOS SÍMBOLOS NA COMUNICAÇÃO

Nesta seção trata-se das condições de cultura popular e sua função social com foco nas concepções de Jakobson, Robsbawm, Bourdieu e outros no sentido de destacar a cultura religiosa e sua simbologia para embasar nosso escopo da pesquisa.

2.1 A Semiótica da Cultura

A semiótica da cultura, segundo Lucia Santaella (2003, p. 59) surgiu na década de 1960 na escola de Tartu-Moscov, no Leste Europeu. Sob o entendimento de que a cultura funciona como um mecanismo de signos que recebe, traduz e interpreta a vida, organizando informações em sistemas complexos de códigos. Nesse entendimento criou-se o conceito de “Semiosfera que é o universo de todos os signos e textos culturais, que inclui não apenas a linguagem verbal, mas também gestos, imagens, sons e arquitetura” (Jakobson, 2012, p. 62).

A Teoria da Semiótica da Cultura, de Roman Jakobson, tem sua contribuição para a semiótica e linguística, sendo fundamental para a análise de signos em qualquer contexto cultural, incluindo a cultura popular (religiosa). (Jakobson, 2012, p. 92). A abordagem de análise dessa teoria foca nos elementos da comunicação e nas funções da linguagem simbólicas verbais e não verbais. Nesse viés permite analisar como os signos na cultura ganham significado através do contexto e dos códigos utilizados. Embora o foco de Jakobson não fosse especificamente à cultura mais clássica, a sua ênfase no contexto é crucial para entender a semiótica da cultura, pois o significado dos signos depende do ambiente em que são produzidos e interpretados.

Segundo Pignatari (2004, p 43), os signos da cultura são utilizados para comunicar identidades, mensagens políticas ou estéticas, ou para estabelecer contacto entre grupos. A análise semiótica ajuda a compreender estes processos de significação e a sua dimensão social. A semiótica da cultura, segundo C. S. Peirce (2000, p. 52) “estuda a cultura como um complexo sistema de signos (um universo chamado semiosfera) que organiza a vida humana, utilizando códigos para criar e transmitir significados em diversas manifestações como arte, leis e moda”. A função social dos símbolos na comunicação é precisamente essa: mediar e ativar o sentido dentro de um

contexto cultural específico, permitindo que as pessoas decodifiquem e compreendam o mundo, os comportamentos e as mensagens (Santaella, 2003, p. 27).

Em síntese, a teoria da semiótica da cultura, de Jakobson oferece as ferramentas teóricas para a análise semiótica, que pode ser aplicada a diversas "manifestações culturais", como a cultura nas manifestações religiosas de como popular, para decodificar o seu sentido e o seu funcionamento.

2.2 Cultura Popular: conceitos e significados

Segundo Santaella (2003, p. 47) o estudo dos signos nas tradições populares, isto é, na cultura popular faz muito necessário para compreensão dos símbolos. Nesse sentido, o trabalho dos estudiosos da cultura popular, torna-se indispensável. Nas palavras de Hobsbawm (1997, p. 39), todos os povos do mundo possuem sua ciência, sua arte, sua literatura e sua religião, que formam um conjunto de contribuições culturais de cada grupo, com suas características, costumes e necessidades que atribuem. A cultura popular refere-se, portanto, à interação entre pessoas de uma mesma sociedade, que varia de acordo com as transformações ocorridas no meio social. Essa cultura foi e sempre será transmitidas de geração em geração, incluindo o folclore, o artesanato, as músicas, as danças, as festas, dentre outras manifestações.

Nas sociedades tradicionais, o passado é venerado e os símbolos são valorizados porque contêm e perpetuam a experiência de gerações. A tradição é um meio de lidar com o tempo e o espaço, inserindo qualquer atividade ou experiência particular na continuidade do passado, presente e futuro, os quais, por sua vez, são estruturados por práticas sociais recorrentes (Hobsbawm, 1997, p. 37).

As festas populares no mundo reúnem pelas ruas, arenas ou parques milhares de pessoas. Há festas para todo tipo de viajantes, dos mais religiosos àqueles que gostam de uma boa farra. A maioria dos países tem seus festivais únicos e, participar de uma dessas celebrações é conhecer a cultura local e festejar uma data importante para determinado povo.

O Brasil é rico, e entre todas as suas riquezas existe uma singular formada principalmente na era das explorações territoriais. Durante a colonização o pau-brasil, o ouro, a cana de açúcar dentre outras. Estas explorações trouxeram migrantes de muitas partes do mundo a fim de lucrar com que a terra brasileira era capaz de oferecer. As

migrações trouxeram histórias e lendas que difundiram entre os índios. Muitas delas já estavam enraizadas na cultura indígena e foram ensinadas aos migrantes. Outras misturaram e popularizaram-se rapidamente nas fazendas da época e tornaram parte do folclore.

O folclorista Luís da Câmara Cascudo (1997) define folclore como “a cultura do popular”. Para outros pesquisadores do assunto há importantes diferenças entre folclore e cultura popular. A maioria das pessoas acredita que os dois nomes são a mesma coisa, sendo o folclore o nome mais conservador daquilo que de cultura popular é mais progressista. “Todos os países do mundo, raças, grupos humanos, famílias, classes profissionais, possuem um patrimônio de tradições que se transmite oralmente e é defendido e conservado pelo costume” (Cascudo, 2016, p. 22).

Para Andrade (2019, p.35) “o folclore sendo uma cultura do povo é uma cultura viva, útil, diária, natural”. Esse populário é parte integrante da cultura de um povo e, por isso, é considerado pela UNESCO como Patrimônio Cultural Imaterial, sendo imprescindível a realização de esforços para a sua preservação. Nesse sentido, ressalta-se:

Em 1958, foi criada a Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro para promover “registro”, pesquisas e levantamento, cursos de formação e de especialização, exposições, publicações, festivais; proteger o patrimônio folclórico, as artes e os folguedos populares; organizar museus, bibliotecas, filmotecas, fonéticas e centros de documentação; manter intercâmbio com entidades congêneres; divulgar o folclore no Brasil, e em 1965 foi instituído o dia do Folclore, por meio de uma lei cujo objetivo foi “assegurar a mais ampla proteção às manifestações da criação popular não só estimulando sua investigação e estudo, como ainda defendendo a sobrevivência dos seus folguedos e artes, como elo valioso da continuidade tradicional brasileira” (Salvador, 2018, p.12).

O folclore brasileiro precisa ser ainda mais valorizado, pois faz uma ligação com muitas coisas. Para, Maria Isaura Pereira Queiroz (1973) o folclore se liga, pois, especificamente a grupos de envergadura demograficamente modesta; em seu ambiente de relações íntimas e carregadas de afetividade se formam costumes e peculiaridades, crenças, lendas, que tornam um grupo diferente dos demais. Segundo Cascudo (2016), dispensável é qualquer discussão sobre a permanência do folclore no tempo e no espaço. Para a tradição oral brasileira, o espaço privilegiado de resistência tem sido a escola, que acaba por cumprir a função social de manter as raízes nacionais populares vivas na memória coletiva. Portanto:

A sociedade tem como princípio estimular a fundação de núcleos congêneres em todos os estados do país, núcleos que, a ela unidos, formam uma corrente destinada a estimular e proteger as manifestações populares locais de cunho folclórico, bem como a realizar pesquisas sobre tais manifestações (Andrade, 2019, p. 97).

A cultura popular então é conhecimento que precisa ser valorizado e registrado já que é através destes conhecimentos que conhecemos o passado histórico de nossos ancestrais. Salvador (2018) quando diz que “o folclore se liga, assim, à economia, à política, à história das instituições, à do direito, à da arte, da tecnologia, etc.”. A cultura escolar e a cultura para as massas são formações institucionalizadas pelo Estado e pelas empresas com o fim de transmitir conhecimento ou preencher horas de lazer de uma fração da população (Bosi, 1992, p. 308-345).

Com um mundo cada vez mais globalizado, manter a cultura é uma forma de manter a vida de uma comunidade, conservando suas tradições e a história. Pode-se dizer que a cultura popular se manifesta em nosso meio naqueles rituais e formas de expressão. Nascida dos costumes e do conhecimento de um povo, essa cultura abrange todo tipo de manifestação. Representa e se manifesta nos contornos das comunidades, apresentando sua identidade. Nessa lógica a cultura específica de um grupo social em uma região e ou local onde todos compartilham essa forma de conhecimento e exaltam os elementos locais dá-se o nome de regionalismo.

O regionalismo cultural é apenas um caso particular que envolve também as lutas propriamente simbólicas em que os agentes estão envolvidos seja individualmente seja coletivamente que está em jogo à conservação ou a transformação das relações de forças simbólicas e das vantagens econômicas e simbólicas (Bourdieu, 1998, p. 6). Os povos se identificam por várias características, uma delas é a cultura; rituais e mitos tendem a dominar essa cultura, que conta com cerimônias, festas típicas do povo e narrativas com um fundo de lição moral. A língua também constitui um considerável instrumento de transmissão de cultura. A etnia outro termo que utilizamos para nos referirmos às características culturais-língua, religião, costume, tradições, sentimento de/ "lugar" - que são partilhadas por um povo. (Hall, 2006, p. 30).

O Brasil devido a sua extensa área territorial, cada região apresenta características culturais diferenciadas. Há em todo o território festas que expressam a cultura local e ou regional. O turismo brasileiro dispõe de um diversificado calendário recheado de festas culturais como: festivais, procissões e eventos que por meio de uma

apresentação festiva retratam os costumes da sociedade. Ressalta-se que o Brasil é um país de tradição pluricultural já que há uma multimistura de conhecimentos, costumes e tradições de muitos povos.

O Brasil possui uma cultura muito rica e diversificada trazendo várias modalidades que são de suma importância para a cultura brasileira. O folclore é muito afluyente e traz consigo uma representatividade com as tradições e a cultura de determinada região. Há não só manifestações culturais brasileiras, como também mundiais tornando algumas bem específicas.

As festas populares são comemorações com a participação do povo. Sem deixar de lado as tradições regionais que são uma marca histórica, trazendo rituais religiosos, músicas, comidas, danças e figurinos típicos de cada região. Essas comemorações são realizadas em várias localidades do Brasil havendo a diversidade cultural que são os vários aspectos que representam as diferentes culturas. Nosso país apresenta um folclore muito rico que representa um forte componente cultural. E além das festas com maior repercussão expressarem o amor à cultura, gera também interesse dos turistas de conhecer determinada região.

Atualmente, com a expansão do turismo, a nível mundial, um dos assuntos mais explorados como consumo turístico são justamente as festas populares. Não somente na Europa, mas mesmo no Brasil, e em outros países da América Latina (Ferreira, 2006, p. 61).

E sob essa ótica que se pretende neste trabalho tratar um pouco a cultura souzelense, no que se refere à festividade de São Benedito das Fortunas, uma festa popular de cunho religioso, festa essa cuja tradição remonta o século XVII quando os jesuítas europeus chegaram para a região. Muito de sua simbologia tradicional perdura no tempo. Outras festas foram inventadas ou criadas para atender as necessidades locais.

Por “tradição inventada” entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza natural ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado (Hobsbawm, 1997, p. 9).

A partir dessa compreensão, entende-se que o motivo que levou a se comemorar essas festas populares. O presente estudo traz uma nova forma de olhar a expressão cultural a partir da Semiótica da Cultura em que se pode conhecer a história cultural de um lugar fazendo-se uma (re) leitura da iconografia dos elementos simbólicos.

No Brasil as culturas populares, sobretudo a religiosa são diversas e estão relacionadas com a história do país. A vastidão cultural brasileira deve-se, em primeiro lugar, aos colonizadores europeus, a população indígena e aos escravos africanos. Posteriormente, os imigrantes italianos, japoneses, alemães, poloneses, árabes, entre outros, pelo fato de migrarem para o Brasil em fluxos variados. Foram importantes disseminadores da cultura brasileira e contribuírem para a pluralidade cultural do país. Além disso, as grandes dimensões territoriais brasileiras — que caracterizam o Brasil como um país com condições climáticas e geográficas diversas — favoreceram o surgimento de um conjunto de lendas, mitos e tradições resultantes da miscigenação das culturas portuguesa, africana e indígena.

Podemos dizer que os elementos mais antigos da cultura genuinamente brasileira remontam aos povos indígenas, que já habitavam o território da nossa nação antes da chegada dos portugueses em 1500. Donos de uma cultura extensa, os povos nativos mantinham as crenças e praticavam seus elementos culturais aliados a um modo de vida simples e em contato com a natureza.

A cultura surge com o homem e graças à interação contínua entre pessoas de regiões diferentes e à necessidade de o ser humano explorar o espaço circundante. Esse tema é estudado pela Sociologia e a Etnologia; nesses estudos observa-se que a cultura popular não têm como objetivo fazer juízos de valor, mas identificar as manifestações permanentes e coerentes dentro de uma nação ou comunidade. Essa cultura representa um conjunto de saberes determinados pela interação dos indivíduos. Ela reúne elementos e tradições culturais que estão associados à linguagem popular e oral, e sempre será transmitida de geração em geração.

Jakobson (2012, p. 64), cultura é aquilo que é feito, aprendido ou compartilhado por membros de uma sociedade: valores, crenças, comportamentos, símbolos, línguas e objetos materiais. Sociedade significa um grupo de pessoas que vivem em um território definido e que compartilham uma cultura. Evidentemente, cultura é um componente fundamental de toda sociedade, e que influencia não apenas a língua, mas até a linguagem corporal das pessoas, a forma como se cumprimentam e os valores considerados importantes.

3. A RELIGIOSIDADE NA CULTURA BRASILEIRA: O CULTO A SÃO BENEDITO

Nesta seção tratou-se dos aspectos históricos da vida e do culto a São Benedito e da religiosidade na cultura brasileira.

3.1 O culto a São Benedito: aspectos históricos

Toda cultura é repleta de símbolos. Estes evocam, representam ou substituem algo abstrato ou ausente, e geralmente despertam reações e emoções entre as pessoas que os consideram significativos. Alguns objetos são símbolos importantes. Entende-se por cultura religiosa de cunho popular, ou religiosidade popular, as práticas, crenças e expressões da fé que são vividas e transmitidas pelo povo, muitas vezes de forma diferente ou complementar às doutrinas e rituais oficiais de instituições religiosas organizadas. Ela manifesta-se em elementos culturais do dia a dia, como festas, procissões, romarias, o ensino de orações e promessas, e pode incorporar elementos de diferentes tradições através do sincretismo religioso.

De acordo com Oliveira (2017), Benedetto Manassari, mais conhecido como São Benedito ou Santo Preto, foi um dos santos mais proeminentes do século XVIII. Nascido em San Fratello, Itália, em 1526, filho de escravos africanos, Benedito conquistou sua liberdade aos 18 anos. Posteriormente, juntou-se ao grupo de seguidores de São Francisco de Assis, liderado por Gerônimo Lanza. Caracterizado por sua bondade, humildade e paciência, Benedito lidou com os preconceitos e racismo de sua época com notável resiliência.

Segundo Oliveira (2017), embora não haja registros que comprovem sua vida como eremita, Benedito ingressou na Ordem de São Francisco entre 32 e 36 anos de idade. No convento de Santa Maria de Jesus, em Palermo, ele exerceu a função de cozinheiro, transformando a cozinha em um espaço sagrado. Notavelmente, apesar de ser analfabeto, Benedito ascendeu ao cargo de Frei Superior dos Noviços e guardião, um dos cargos mais importante do convento. Apesar de ser analfabeto, Frei Benedito possuía conhecimentos profundos e era altamente respeitado. Após concluir seu mandato como Frei Superior, retornou à cozinha. No leito de morte, recebeu uma visão profética e, com humildade, pediu aos irmãos do convento que o sepultassem rapidamente para não lhes causar inconvenientes. Frei Benedito faleceu em 1589 no convento de Santa Maria de Jesus, em Palermo. Em seguida, uma multidão de devotos

invadiu o local, buscando relíquias do santo, cumprindo assim a visão que ele havia tido.

Durante sua vida, a fama de Frei Benedito já havia se espalhado por vastas regiões, com relatos de milagres atribuídos a ele. De acordo com Luz (2022), sua beatificação foi concedida em 1743 pelo Papa Bento XIV. Posteriormente, em 1807, o Papa Pio VII o canonizou, tornando-o o primeiro santo negro declarado pela Igreja Católica, um marco histórico no reconhecimento da diversidade e inclusão.

A partir do século XVII, a popularidade de São Benedito, o santo preto, impulsionou a criação de várias irmandades, principalmente compostas por negros. Sua cor e carisma exerceram um forte impacto entre os negros, tanto escravos quanto libertos. A primeira irmandade dedicada a ele foi estabelecida na Cidade do México em 1599, e apenas quatro anos após seu falecimento, foi concedido o primeiro ato de reconhecimento póstumo. Segundo Fiume (2020, p. 167, apud Luz, 2022, p. 55), a primeira irmandade dedicada a São Benedito foi seguida por outras em cidades importantes, como Puebla de Los Angeles (1611), Nova Vera cruz (1636), Santiago de Querétaro (1637) e San Miguel (1646), todas vinculadas ao convento franciscano. Posteriormente, a devoção a São Benedito se expandiu para além da América Hispano-americana, alcançando Portugal, Brasil, Caribe, América Central e o sul dos Estados Unidos, consolidando sua presença transatlântica.

No período colonial, conforme Filho (2020), a Companhia de Jesus foi à primeira ordem religiosa a ser estabelecida, em 1549, com o objetivo de catequizar os povos indígenas. Posteriormente, outras ordens religiosas foram implantadas na região. Segundo o autor:

(...) quando Portugal passou para o jugo do rei Felipe II de Espanha; os beneditinos chegaram em 1581, as carmelitas em 1583, e os franciscanos em 1585 (5). A introdução desses grupos de religiosos em terras brasileiras traria resultados alvissareiros para o projeto colonizador, já que descentralizava a missão catequética dos jesuítas, dividindo com eles tal atribuição, e dando apoio aos religiosos seculares aptos a ministrar os sacramentos no âmbito das paróquias (Filho, 2020).

Em 1613, no Rio de Janeiro, e em 1623, em Salvador, o já renomado São Benedito continuava a se destacar. Segundo Filho (2020), em Portugal, o culto ao santo preto estava intimamente ligado ao de Nossa Senhora do Rosário, que contava com uma grande quantidade de devotos negros originários de Angola e do Congo. Além disso, em

alguns templos dedicados a Nossa Senhora do Rosário, era comum encontrar imagens de São Benedito, o que fortalecia a criação de Irmandades lideradas por negros.

No Brasil colonial, a imagem de São Benedito desempenhou um papel fundamental como ferramenta de colonização. Em um contexto marcado pela desigualdade social, os escravos eram catequizados com imagens que refletiam sua própria identidade, pois, apesar da existência da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário (séculos XV e XVI em Portugal), os negros enfrentavam resistência e não se sentiam plenamente integrados. Conforme Hoorneart (1987-1988, p. 28, apud por Silva, 2016, p. 200), a religião adaptou-se para acolher os novos escravos recém-chegados ao Novo Mundo, utilizando imagens como a de São Benedito para promover uma conexão emocional e facilitar a assimilação. “os negros (...) submersos no mundo, souberam dar novos significados a esses significantes que lhes eram impostos” (Hoorneart, 1987/1988, p. 28 *apud* Silva, 2016, p. 200).

Diante da crescente presença de negros escravos e não escravo em congregações tradicionalmente lideradas por santos de cor branca surgiu à necessidade de espaços exclusivos para esses fiéis. Assim, eles começaram a criar suas próprias irmandades, específicas para a comunidade negra. Conforme o culto a São Benedito ganhava popularidade e atraía majoritariamente devotos negros, a Ordem Franciscana precisou adaptar-se às novas demandas:

O franciscanismo no Brasil chegou a articular-se em quatro espaços sociais. Além dos três espaços clássicos (ordens primeiras dos sacerdotes, segunda das religiosas e terceira dos seculares), a realidade brasileira forçou o movimento franciscano a abrir espaço para um quarto tipo de organização adaptado à realidade dos escravos. Pois a ordem terceira, que devia abrigar os escravos franciscanos, os recusava. E como os diversos conventos franciscanos foram aos poucos tendo suas senzalas cheias de trabalhadores escravos, estes passaram a pressionar os superiores dos conventos no sentido de se organizar irmandades específicas para os escravos (Hoorneart, 1987/1988 *apud* SILVA, 2016, p. 201).

Benedito foi analfabeto, leigo e de origem humilde, filho de escravos africanos. Logo, sua imagem foi adotada pelos escravos e não escravos, que se sentiam semelhantes ao santo. Os escravos foram permitidos a participar das liturgias da igreja católica e permitiram-lhes, através das irmandades, o acesso ao acolhimento que eram oferecidos, ajudas financeiras, ao cuidado da saúde e até na morte, com compras de caixões e missas. Embora estivessem sendo lideradas por negros, no processo de catequização, as irmandades negras tiveram que ceder ao poder da Igreja e do Estado,

que por esses motivos algumas regiões não continham manifestações religiosas, assim, deixando lacunas para que algumas irmandades lideradas por leigos pudessem se expandir por outras regiões do Brasil Colonial, de acordo com Silva (2016).

Filho (2020) salienta que o culto a São Benedito tinha que seguir suas regras em locais franciscanos: a) em capela anexa à galilé; b) em oratório na portaria do convento; c) Sala de oração na portaria; d) Capela de entrada; e) Capela da Via Sacra (lado do Evangelho); f) e em altar do lado homônimo da nave, já próximo à capela-mor. Pois, a devoção ao santo na era colonial no Brasil era muito expressada por pessoas de nível e classe social bem abaixo, e a segregação das classes era dividida também na igreja. As restrições de espaço aos cultos eram relacionadas à conjuntura da devoção no contexto da época, ressaltando que: “Entretanto, as evidências cronológicas atestam que os espaços de culto supracitados não ocorreram simultaneamente; antes foram determinados por fatores socioculturais, litúrgicos e canônicos que envolveram a devoção e suas irmandades ao longo do tempo” (Filho, 2020).

Em Filho (2020), sugere que as irmandades ao São Benedito se reuniram no período da metade do século XVIII, ano de 1650, ano de fundação do convento de São Francisco, em Salvador, na Bahia, e em 1777, seria o ano em que foram permitidos os cultos ao santo preto, com a permissão do Rei de Portugal. A assiduidade do santo no Cenóbio Baiano já era presente já em 1623, mas só em 1686 foi aprovado pelo arcebispo D. Frei João da Madre de Jesus, as normas que regeriam as Irmandades do São Benedito. Essas evidências já comprovavam a devoção ao santo no espaço físico da igreja católica, mesmo sendo em um espaço separado, para que os escravos pudessem frequentar a Igreja São Francisco. Erguida na mesma igreja, a capela de Santa Efigênia também recebia escravos. As duas irmandades recebiam o mesmo público, assim sua área era demarcada, sendo localizada nos últimos altares laterais, distantes da capela-mor. Essas irmandades refletiam as realidades da época, que condiziam em respeito ao povo africano e a outra à superpopulação de negros. Buscando justificar a escravidão dentro da igreja, os frades concediam aos escravos uma vida de ensinamento cristão e uma vida abençoada. O santo também foi cultuado em Pernambuco, em uma capela no convento de São Francisco em Sirinhaém, em um espaço conhecido como Portaria, revestida em azulejos, na qual contava passagens de sua vida. Não há data exata do evento da criação da irmandade, mas, segundo pesquisas de Filho (2020), indica que foi por volta de 1755 o ano da inauguração da capela. No Convento de Santo Antônio, em

João Pessoa, Paraíba, o santo preto também tinha presente o culto à sua imagem, com uma capela anexada na altura do presbitério. E em meados do século XVIII, já havia registros de imagem do santo em prata em um arco dourado da sua capela, entre os anos de 1753 a 1755.

Semelhante à capela da Paraíba, Recife também abrigou uma capela dedicada a São Benedito, construída no século XVIII. A criação da irmandade local foi impulsionada pela visita do Frei Apolinário da Conceição em 1729, que exerceu influência significativa na sua fundação. Além dessas, existiram outras capelas dedicadas ao santo, conforme aponta Filho (2020), demonstrando a ampla difusão do culto a São Benedito no Brasil colonial:

Numa sequência ascensional direcionada à capela-mor, outro espaço dedicado ao santo foi o altar/retábulo erigido na nave da igreja, do lado do Evangelho, próximo ao presbitério. O modelo adotado no século 19 aparece nos conventos da Santa Cruz, em São Cristóvão, Sergipe, e de Santa Maria Madalena, em Marechal Deodoro, Alagoas. O último exibe datação – 1845 – e o primeiro, apesar de não ter data inscrita, apresenta linguagem similar (já do período imperial), onde a talha, menos trabalhada, não era totalmente policromada e dourada, mas recoberta por pátina branca com contornos compositivos em ouro (Filho, 2020).

Apesar de ter enfrentado inúmeros preconceitos durante sua vida e mesmo após sua morte, São Benedito conquistou uma popularidade mundial sem precedentes. Além de ser venerado em cultos religiosos, sua devoção é celebrada anualmente em diversas cidades brasileiras, através de festas e tradições que perpetuam sua memória. Este aspecto será explorado mais detalhadamente adiante.

3.2 A religiosidade na cultura popular brasileira

A cultura popular brasileira é formada por três matrizes religiosas: uma de origem africana, um dos portugueses e as raízes indígenas, que, para a constituição da religiosidade popular, se tornaram mais consideráveis do que a do catolicismo romano. Etimologicamente, a palavra “cultura” tem sua origem no conceito de cultivar, remetendo historicamente ao contexto de cultivo agrícola e pecuário.

Começando como nome de um processo — cultura (cultivo) de vegetais ou (criação e reprodução) de animais e, por extensão, cultura (cultivo ativo) da mente humana — ele se tomou em fins do século XVIII, particularmente no alemão e no inglês, um nome para configuração ou generalização do “espírito” que informava o “modo de vida global” de determinado povo (Williams, 1992, p. 10).

Considerando essa perspectiva, o conceito de cultura assume múltiplos significados. Segundo Williams (1992), no final do século XVIII, a definição de cultura passou a abranger as configurações sociais, enquanto no século XIX adquiriu uma conotação mais pluralista, tornando-se fundamental para o desenvolvimento da antropologia. Esta disciplina consolidou o significado de cultura como modo de vida global e característica. Além disso, é possível identificar uma ampla gama de elementos essenciais que constituem essas culturas. Dentro da antropologia, surgem diversas interpretações, destacando-se aspectos ideais, religiosos, nacionais, bem como processos sociais (econômicos e/ou políticos). Desse modo, o conceito de cultura oscila entre o global e o particular, refletindo a complexidade da sua natureza.

Ao abordarmos a cultura brasileira, encontramos uma rica pluralidade que reflete a complexidade do termo. A cultura brasileira apresenta uma multiplicidade de significados, abrangendo várias camadas que vão além de seu significado universal, incluindo também suas específicas expressões regionais, históricas, sociais e identitárias. Essa cultura brasileira abrange uma multiplicidade de identidades, resultante da convergência de diversas culturas que se encontram dentro dela. A combinação das identidades trazidas pelos imigrantes durante o período colonial, somada à rica cultura dos povos indígenas, originários do território, deu origem a uma identidade cultural brasileira complexa, única e multifacetada.

Com a chegada dos europeus às terras tupiniquins, trouxeram, além da ganância, uma bagagem cultural rica e diversificada, incluindo novos costumes, hábitos, músicas, escritas, deveres e obrigações. As missões de catequizar as terras brasileiras foram confiadas aos jesuítas, que desempenharam um papel fundamental na colonização.

O catolicismo português, já uma força expressiva e universal, trouxe consigo uma tradição de cultos aos santos, registrada desde o século XV. Essa influência religiosa se misturou com as crenças indígenas, dando origem a uma identidade cultural brasileira única, “era caracterizado como um catolicismo de forte apego aos santos e a eles nomeando forças da natureza” (Macedo, 2008. p. 01). A herança portuguesa deixou um legado duradouro em nossa cultura e religiosidade brasileira. A introdução de cruzes e imagens de santos em nosso território consolidou a influência jesuítica na colonização, moldando práticas religiosas e construindo uma identidade cultural singular. De acordo

com Hall (2011), essa relação de construção e submissão é característica comum nas sociedades modernas, onde a cultura dominante molda a identidade local:

As culturas nacionais são uma forma distintivamente moderna. A lealdade e a identificação que, numa era pré-moderna ou em sociedades mais tradicionais, eram dadas à tribo, ao povo, à região, foram transferidas, gradualmente, nas sociedades ocidentais, à cultura *nacional*. As diferenças regionais e étnicas foram gradualmente sendo colocadas, de forma subordinada, sob aquilo que Gellner chama de “teto político” do estado-nação, que se tornou, assim, uma fonte poderosa de significados para as identidades culturais modernas (Hall, 2011, p. 49).

Como destaca Rodrigues (2015), mesmo havendo uma tensão entre a crença popular e a religiosidade oficial, o Brasil se desdobrou em três características religiosas, classificadas como Guerreiro, Patriarcal e Popular. Proferindo-se ao espírito de organização existente no Estado português e entre os jesuítas, caracteriza-se como Guerreiro, o qual era uma espécie de confronto na colonização, cuja missão era catequizar os povos originários. No Patriarcal, a religião se localizava nos engenhos de açúcar, pois se encontravam próximos às casas-grandes, assim podendo integrar os escravos também na produção de cana-de-açúcar. E, por fim, temos o popular, que era uma religião mais do povo, praticada pelos indígenas e escravos, traçando diferentes perspectivas e significados com os quais os indivíduos mesclavam suas culturas com as suas terras de origem.

Levando em consideração esse contexto histórico, a cultura popular brasileira se molda a partir das forças religiosas implantadas no período colonial: danças, ritmos, músicas, festas, comidas e a religião tornam-se únicas em nosso espaço geográfico. A devoção aos santos é algo comum, herança deixada pelos colonizadores que, depois de terem sido usados como uma catequização de imagem, impondo poder, se tornaram símbolos de fé e devoção que refletem a imagem de esperança e salvação.

A miscigenação entre os europeus, africanos e indígenas foram cruciais para a formação do povo brasileiro. Considerando as contribuições indígenas e africanas, ainda sofrem uma negação na modulação da religião, pois a religião brasileira ainda tem um peso maior das de origem europeia, como se fosse de valor maior no processo de construção da identidade cultural.

Os cultos, missas e festejos carregam uma forte influência do catolicismo; sobretudo, ainda que tragam alguns elementos culturais de variantes externas, a conceituação da religião sempre prevalecerá sobre os elementos europeus, tais como as igrejas, imagens de santos, capelas, missas e leituras sagradas. Em Rodrigues (2015),

fica mais evidente a forte influência do catolicismo, que prevalece até hoje como um molde significativo da cultura brasileira:

Na origem da formação cultural do país, há uma acomodação cultural desses diferentes matizes, produzindo um verdadeiro sincretismo religioso na formação da religiosidade do povo entre 1550 (1554) e 1808. Mas, a partir de 1822 até meados de 1889, ocorre a denominada romanização do Catolicismo, com a separação entre Igreja e Estado no Brasil, a formação dos colégios católicos, a estruturação da Igreja autônoma ligada ao papado, configurando o imperialismo e a hegemonia católica (Rodrigues, 2015, p. 135).

A mística e a devoção diversificada são uma sucessão passada da própria família, do campo para os centros urbanos: membros solitários juntam-se a grupos religiosos, contemplando símbolos e significados e dando sentido às vidas das pessoas que perseveram em agrupamentos religiosos. Com o fim da hegemonia do catolicismo, a diversidade religiosa se torna bem mais ampla até mesmo dentro do catolicismo, possibilitando novas posições e identidades. Em Hall (2011), a questão sobre a identidade cultural e as concepções abordadas pelo autor são estabelecidas em três contextos, formando a subjetividade da sociedade e do sujeito no local. A fragmentação do catolicismo torna-se mais evidente que:

A noção de sujeito sociológico refletia a crescente complexidade do mundo moderno e a consciência de que este núcleo interior do sujeito não era autônomo e autossuficiente, mas era formado na relação com "outras pessoas importantes para ele", que mediavam para o sujeito os valores, sentidos e símbolos - a cultura dos mundos que ele/ela habitava. (...) Estabiliza tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam, tornando ambos reciprocamente mais unificados e predizíveis (Hall, 2011 p. 11-12).

A diversidade de elementos na mesma religião moldou uma identidade configurada por indivíduos que carregam consigo componentes sociais e psicológicos em novos grupos sociais, causando um pluralismo dentro da religião que busca entender sua própria vivência. No contexto atual, segundo Rodrigues (2015), a sociedade está ligada a elementos do pré-modernismo, modernos e pós-modernismo: "(1) pré-modernas, com a forte presença do ritual mágico-religioso e de obrigação em relação ao transcendente; 2) modernas, com o ideal do indivíduo com razão única, bem como a construção eclética; e 3) radicalmente individual, que caracteriza a pós-modernidade" (Rodrigues, 2015, p. 136).

Com a demanda religiosa em alta, o indivíduo perambula entre diversas matrizes, considerando os três elementos que constituem o cenário. Pertencer a um grupo ou ter em quem acreditar faz com que os indivíduos continuem à procura de uma

religião ou grupo religioso. Ainda como destaca o autor, supõe-se que há resistência das pessoas, pois a associação da religiosidade ao marketing tornou a fé uma forma de negócio. Chegando a esse ponto, pode-se notar que a base das religiões segue diretrizes carregadas de ancestralidades, não só a católica ou cristã, mas também a evangélica e as de matrizes africanas. A base dessas religiões cultua deuses, imagens e/ou utiliza símbolos ou elementos para adoração. Culturalmente, o Brasil segue essa premissa de adoração a elementos ditos “sagrados”, talvez por acreditar que o sagrado se manifesta através do imaginário. “A mais apagada existência está pejada de símbolos; o homem mais realista vive de imagens” (Eliade, 1991, p. 19), enfatizando que os símbolos são constantes, estão sempre presentes, embora ganhem novos significados e até mesmo outros propósitos:

Só do homem moderno depende, dizíamos «despertar» esse inestimável tesouro de imagens que ele traz consigo; despertar as imagens, para contemplá-las na sua virgindade e assimilar a sua mensagem. A sabedoria popular tem frequentemente exprimido a importância da imaginação para a própria saúde do indivíduo, para o equilíbrio e riqueza da sua vida interior. Certas línguas modernas continuam a lamentar o que carece de imaginação como um ser limitado, medíocre, triste, infelizes (Eliade, 1991, p. 20).

Eliade (1992) deixa bem claro que o homem não consegue viver sem a imaginação. As imagens religiosas são um exemplo de que o homem se apega ao imaginário, recriando uma realidade, reproduzindo ou imitando um conceito distante da realidade em que o indivíduo está inserido. O autor ainda ressalta que “(...) a desgraça e a ruína do homem que não tem imaginação: ele está isolado da realidade profunda da vida e da sua própria alma” (Eliade, 1992, p. 21).

A religiosidade brasileira é marcada pelo cristianismo, pendurada nos afetos familiares, com prescrições religiosas e uma necessidade de perdão, em que cada um tem sua própria conduta orientada pela religião. A religião no Brasil é marcada pela fé no sofrimento do período colonial; o catolicismo português, deixado como herança, é caracterizado pelo povo que se apegava ao imaginário popular.

As imagens dos santos eram recorrentes na busca por misericórdia divina. Podemos notar essas ligações nas festas dedicadas aos santos que ocorrem nas cidades brasileiras, que, como forma de ritual ou adoração, utilizam mitos e simbolismos para retratar a vida da sociedade. Em seu livro "Sagrado e Profano", Eliade (1992) afirma que:

É preciso dizer, desde já, que a experiência religiosa da não homogeneidade do espaço constitui uma experiência primordial, que corresponde a uma “fundação do mundo”. Não se trata de uma especulação teórica, mas de uma experiência religiosa primária, que precede toda a reflexão sobre o mundo. É a rotura operada no espaço que permite a constituição do mundo, porque é ela que descobre o “ponto fixo”, o eixo central de toda a orientação futura. Quando o sagrado se manifesta por uma hierofania qualquer, não só há rotura na homogeneidade do espaço, como também revelação de uma realidade absoluta, que se opõe a não realidade da imensa extensão envolvente. A manifestação do sagrado funda ontologicamente o mundo. Na extensão homogênea e infinita onde não é possível nenhum ponto de referência, e onde, portanto, nenhuma orientação pode efetuar-se, a hierofania revela um “ponto fixo” absoluto, um “Centro” (Eliade, 1992, p. 17).

Em muitos festejos religiosos, o profano é uma forma de representar e reverenciar o sagrado. Rituais em forma de músicas, danças e bebidas; a festa em si é um reflexo das histórias e da realidade da comunidade. Os festejos são comuns na religião brasileira, sobretudo as festas em homenagem aos padroeiros. Padroeiros são santos ou divindades que são venerados por indivíduos, grupos, municípios, cidades, estados ou até mesmo países, dependendo da popularidade do patrono. São conhecidos pelas características físicas ou históricas que têm em comum com a localidade que é reverenciada.

A escolha do padroeiro tem como base a ligação do santo com a realidade em que ele vai “proteger” ou “abençoar”. Um exemplo já citado no tópico acima é São Benedito, que, por motivos óbvios, se tornou padroeiro dos escravos, pois Benedito reflete a realidade dos escravos: tom de pele, filhos de escravos, vida humilde. Culturalmente, no Brasil, é comum que as comunidades façam celebrações aos seus padroeiros e, de forma bem popular, integrem o sagrado ao profano, com eventos simples ou grandes festas populares, atraindo visitantes de várias regiões.

O processo de modernização e a busca pela nacionalidade impulsionaram significativamente o desenvolvimento político, social e econômico do Brasil, influenciando diretamente a formação de nossas religiões. À medida que o moderno se torna tradicional, os elementos conservadores da cultura brasileira são preservados. Nesse contexto, a brasilidade é caracterizada por uma rica diversidade religiosa, onde múltiplas tradições se entrelaçam.

A carga histórica das origens se multiplicou em diversas formas, contribuindo para a formação cultural do país. Essa herança religiosa é um reflexo da complexidade e pluralidade da sociedade brasileira. O Brasil é um mosaico de religiões que se entrelaçam, formando uma identidade cultural rica e diversa. Vale observar que o termo

cultura é muito amplo e reúne comportamentos, símbolos e práticas sociais. Trata-se, portanto, de um conjunto de fatores que compõem uma sociedade, como por exemplo, saberes, crenças, costumes e tradições de determinado povo. Trazendo narrativas populares típicas do Brasil.

Os mitos são narrativas que possuem um forte componente simbólico. Como os povos da antiguidade não conseguiam explicar os fenômenos da natureza, através de explicações científicas, criavam mitos com este objetivo de dar sentido do mundo. Nesse sentido, o homem continua criando símbolos para auxiliar na explicação das coisas.

4. DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS - ICONOGRAFIA DO FESTEJO DE SÃO BENEDITO DAS FORTUNAS, EM SOUZEL - SENADOR JOSÉ PORFÍRIO – PA.

Nesta seção tratou-se dos elementos iconográficos em que se faz uma descrição e análise desses elementos simbólicos contidos nos festejos em louvor a São Benedito das Fortunas, em Souzel - Senador José Porfírio - PA.

4.1 Sobre Iconografia

Iconografia é a denominação usada para estudos dos significados convencionais das imagens, que se refere à linha de pensamento do Erwin Panofsky (1892 – 1968). A ciência em questão passou por modulações em 1939, quando Panofsky estruturou em três etapas: descrição, análise e interpretação. E em 1955, foi reformulada a terceira fase, passando a se chamar de interpretação iconológica, tendo uma função mais descritiva, um significado contrário da ideia de Cesare Ripa (1560-1622), fazendo com que Panofsky fortifique a iconografia sendo um atuante na identificação e organização concreta das formas (Moreira, 2018). Só no século XX, segundo Moreira (2018), a iconografia passou a ter seu ápice, porém, dentro da academia foi deixando a desejar interesse na iconografia histórica, mesmo tendo sido preservado o porte na prática das artes.

Segundo Casimiro (2016), a iconografia panofskyana se remete a uma análise geral da imagem, tais como: classificação, descrição, estudo, identificação e a interpretação. O “Método Iconográfico” criado por Erwin Panofsky tem três categorias: 1º Nível Pré-Iconográfico, 2º Nível Iconográfico, 3º Nível Iconológico.

No primeiro nível, é responsável por traduzir as formas naturais da imagem, possível ser reconhecido por qualquer pessoa, independentemente de qualquer cultura ou nível intelectual, pois é uma descrição mais abrangente e clara. Levando em consideração, que, os demais níveis vão ter análises mais minuciosas, esta etapa vai ter o cuidado de ser mais descritiva, ao invés de analítica ou interpretativa.

No segundo nível, consiste em uma análise mais analítica da imagem, onde vai considerar o tema e o significado. Esta etapa consiste uma análise de símbolos, figuras, contextos culturais e literários, aonde vai se contextualizar as alegorias atribuindo um leque de interpretação, porém, que consiste ter uma análise correta da interpretação.

Essa análise é onde devemos analisar dados, explicações com base nas experiências culturais vividos da época.

O nível três é a parte é o iconológico. Segundo Panofsky, é método de análise mais minucioso, buscando entender o “porquê” da obra, o conteúdo, as informações escondidas ao olho nu. Está etapa, é procura de entender os detalhes aplicados a obra, a mensagem que não estar expostas, buscando conhecer o autor, seus pensamentos, ideologias, biografia, considerando todos importantes para o estudo.

4.2 Lócus da pesquisa

Sobre um dos maiores afluentes geográficos, Senador José Porfírio fica localizado às margens do Rio Xingu. Está situado na região centro-oeste do Pará pertencendo à microrregião homogênea. Souzel, assim chamado carinhosamente pelos habitantes nativos, o município teve sua colonização acelerada com o surgimento da abertura do eixo da Transamazônica, em 1970 (Lessa, 2007).

Segundo antigos historiadores (Umbuzeiro, 1998) missionários e relatos orais de moradores da região, (colaboradores), a cidade de Souzel, atual Senador José Porfírio, surgiu a partir da mudança em 1846, dos missionários jesuítas, juntamente com algumas imagens de santos e utensílio de igreja como sinos e badalos da época a igreja matriz de São Francisco Xavier. O motivo das mudanças deveu-se aos ataques frequentes de indígenas, e muitas dificuldades na atracação das Naus, nas margens do outro lado do rio devido às grandes Tempestades de chuvas. Segundo o historiador Umbuzeiro (1998), o missionário responsável pela mudança para o outro lado do Xingu, foi Antônio Torquato de Souza, líder religioso da época, encarregado de restabelecer a entrada que ligava o rio Tucuruí – Vitória do Xingu, ao igarapé Ambé – Altamira. Esta mudança ocorreu em 1864, no dia 22 de março, segundo depoimento do professor Adelson Luiz Bayma – UFPA (Lessa, 2005, p. 33).

O município de Senador José Porfírio, na região do Xingu, possui uma história rica e complexa que se remonta à época da colonização do Pará. Os holandeses, pioneiros da exploração europeia, navegaram pelo rio Xingu, abrindo caminho para a chegada dos missionários jesuítas. Em 1639, esses religiosos fundaram a missão de *Arucará* ou *Aricará*, *Aricari*, em parceria com os índios locais. O sucesso dessa empreitada levou o governador Francisco Xavier de Mendonça Furtado a conceder, em 1758, o título de Freguesia de São Francisco Xavier. Essa designação permaneceu até a Independência do Brasil. Neste período, os jesuítas foram expulsos, e a missão foi

designada a uma nova categoria de Vila, assim sendo denominada de Souzel. Devido à nova divisão da província do Pará, Souzel foi extinto em 1833, sendo recuperado em 1874, porém, em 1921 foi novamente extinto, sendo anexado ao município de Porto de Moz. E em 1961 foi desmembrado sendo contemplado com a emancipação, se tornando pelo nome atual Senador José Porfírio, em homenagem ao antigo político José Porfírio de Miranda Júnior (Brasil, 2023).

O rio Xingu teve uma grande importância na colonização e a construção da identidade cultural de Senador José Porfírio. Os jesuítas chegam à região do baixo, médio e alto Xingu com a missão de catequizar o povoado, carregando uma bagagem de costumes e tradições católicas. Segundo autor Ivair Lessa, os interesses iam além da evangelização, porém, isso fez surgir um povoado grande e relevante para região (Lessa, 2005).

4.3 São Benedito das Fortunas ou São Benedito Gito

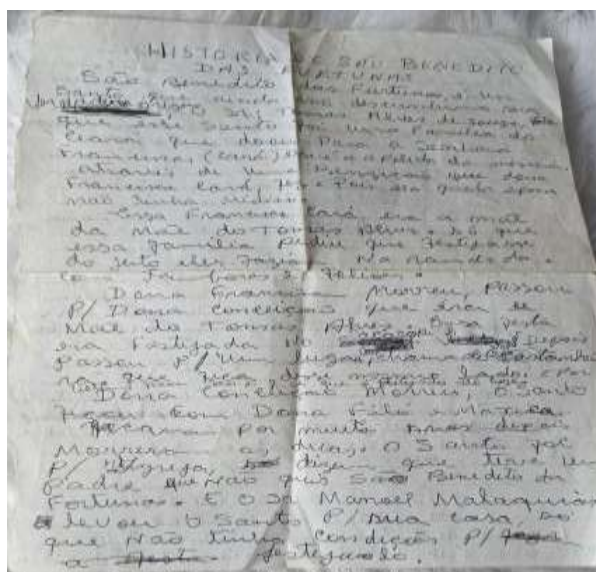
O Festejo de São Benedito das Fortunas, em Senador José Porfírio (PA), é rico em símbolos que sustentam a base cultural local. Durante duas semanas, o município é tomado por tradições que carregam significados históricos profundos. Na cidade de Senador José Porfírio (PA), em períodos diferentes durante o ano, ocorre às festividades de São Benedito. Essas festas ocorrem há algumas décadas, festividades essas que já faz parte da cultura Souzelense.

Após a Semana Santa, ocorre a Festa de São Benedito das Fortunas, também conhecido como Santo Pequeno, e carinhosamente chamado de Santo Gito, que é organizada por uma família, sendo tradição, passada de geração após geração. Ela é realizada com uma festividade religiosa e folclórica. Sobe um ritmo de batuque, é tradição os foliões tocarem com seus instrumentos confeccionados artesanalmente, colocando os devotos para dançar a “Dança do Solto”, que faz referências às matrizes africanas.

Imagens e Símbolos, que discorre sobre a importância de objetos e figuras na expressão religiosa, ressaltando a coexistência do sagrado e do profano nas esferas cultural e religiosa. As tradições compartilhadas por essas religiões refletem nossa realidade, preservam nossa história e, apesar da modernização, permanecem vivas como elementos fundamentais da nossa nacionalidade.

A modernidade também trouxe o choque da urbanização e industrialização, gerando novas formas de expressão artística e a busca pela construção de uma identidade nacional autêntica. Vários movimentos, em diferentes expressões, continuam a explorar e expressar a complexidade da cultura brasileira, que se manifesta na mistura de tradições, no discurso popular e na produção da indústria cultural, enquanto enfrenta desafios como desigualdades sociais. Sobre as crenças e seus objetos simbólicos, trazemos para a discussão a figura do Santo Preto, o São Benedito. Não se sabe ao certo a origem da festividade do santo, segundo relatos, a devoção surgiu após a família ter sido abençoada por um milagre. Segundo o manuscrito de Francisca Alves Gil, o santo foi uma doação, ou uma forma de agradecer pela “benzeção” que ela havia feito, e que a partir de então, começaram os festejos ao São Benedito:

Imagem 01. Manuscrito histórico da Festividade de São Benedito das Fortunas



Fonte: Acervo Francisca Alves Gil

Segundo Galvão (1976, *apud* Carvalho e Portela, 2020, p. 47), as festividades de santo na Amazônia tem um padrão de organização. São organizadas em um espaço chamado de ramada, que utilizam de mastros, personagens e cantigas. São organizadas com intensa participação dos devotos, expressando as relações com a comunidade e devoção.

Em Senador José Porfírio, a festa é marcada por procissão que ocorre antes do nascer do sol (alvorada), com um café da manhã oferecido por uma das famílias que

patrocina uma das noites da festa. Para marcar a devoção ao santo, ocorre nas águas do rio Xingu a “Meia Lua”, também conhecida como procissão fluvial. Esse passeio é feito com pequenas, médias e grandes embarcações que são enfeitadas com bandeirolas coloridas. A festividade de em louvor a São Benedito das Fortunas ocorre no final da Páscoa, iniciando no Sábado de Aleluia. O evento dura uma semana, ocorre no salão de festejos denominado “Ramada”, ou Ramadina, localizada na beira do rio Xingu, na rua da frente, bairro Encantado, na cidade de Souzel. É uma festa organizada pelo povão e não tem vínculo com a Paróquia local. Há também outra festa de em louvor a São Benedito, o São Benedito Grande. Essa festividade inicia na segunda semana de junho. A festa é organizada pela Igreja Católica. A Igreja está localizada na Comunidade de São Benedito, no bairro dos Maranhenses.

4.4 Ritos da Festividade de São Benedito das Fortunas: entre o sagrado e o profano

O festejo apresenta, ao longo de décadas, numerosos simbolismos e tradições, os quais são preservados por meio da transmissão dos rituais. A devoção ao santo manifesta-se na rigorosa observância dos protocolos, que devem ser respeitados integralmente. O evento inicia-se no sábado após a Semana Santa, com um café da manhã servido em silêncio, cuja manifestação sonora só é permitida a partir das 10 horas, momento que marca o término do Sábado de Aleluia. Os participantes reúnem-se para a retirada dos mastros, selecionados criteriosamente para garantir sua resistência durante as duas semanas da festividade. Tais mastros são transportados por embarcações que, durante a procissão fluvial, servem como meio de transporte para alguns fiéis, constituindo uma forma de quitação de promessas ou lazer.

Posteriormente, o Juiz da Festa, responsável pelo patrocínio, retira a imagem do santo do altar e a conduz à balsa que participará da “meia-lua”, tradicional procissão fluvial realizada no Rio Xingu, situado fronteiro à cidade. Após três voltas no rio, à imagem retorna ao altar para o almoço, que é servido primeiramente aos foliões e juizes da festa, sendo os demais convidados atendidos posteriormente. Após a refeição, os foliões executam o “solto”. Esse ciclo repete-se ao longo da semana, respeitando a hierarquia tradicional. No mesmo sábado, a partir das 15 horas, os mastros são decorados para a elevação. Além dos dois mastros principais, existe um terceiro, denominado Mastro Perpétuo, pertencente a São Benedito, que é pintado com as cores azul e branca.

Ainda no Sábado de Aleluia, inicia-se a festa profana, durante a qual os participantes desfrutam de música regional e bebidas, momento em que a religiosidade cede espaço à celebração social, ocorrendo também leilões de alimentos. O domingo mantém os rituais e convoca à reza às 18 horas. Durante a semana, até quinta-feira, os foliões devem cumprir com as obrigações da Trindade — cantar, tocar e rezar as chamadas “ladainhas”. Por não pertencer à igreja, a imagem de São Benedito das Fortunas não conta com a participação do padre; a reza é conduzida por uma “rezadeira” designada. Na sexta-feira da segunda semana, acontece a Alvorada, iniciando-se à meia-noite com visita às residências dos festeiros até o amanhecer, encerrando-se na ramada. Os anfitriões são avisados da chegada da procissão por meio de fogos de artifício denominados pistolas, sendo comum a oferta de lanches, caldos e bebidas alcoólicas.

No último sábado, realiza-se a penúltima procissão, ocasião em que ocorre a troca da procuradora, ou guardiã, responsável pelo cuidado da imagem de São Benedito Gito até o ano subsequente. Finalmente, no último dia do festejo, entre 17 e 18 horas, ocorre a procissão final, que antecede a derrubada dos mastros, novamente decorados, agora com frutas regionais e dinheiro. A cerimônia da Trindade é transferida da capela para a via pública, com participação de todos os devotos. Após a derrubada dos mastros, realiza-se a “Varrição”, evento que simboliza o encerramento do festejo. Durante a “Varrição”, tal pessoa protege a farofa enquanto dá três voltas pelo salão. A noite encerra-se com festa dançante e consumo de bebidas alcoólicas. Percebe-se que, com o tempo, o dinamismo das cidades, a velocidade e o choque entre diferentes concepções de mundo, vão mudando também o modo de ver os símbolos culturais. Nesse sentido é possível verificar tais mudanças nos aspectos da cultura local, já que o simbolismo de certos elementos também mudou na festividade de São Benedito das Fortunas, em Souzel.

4.5 Elementos Simbólicos e seus Significados

Segundo Adelson Bayma (2002, p 11), os principais elementos simbólicos da festividade são: o Santo, a Capela, a Ramada, a Alvorada, o Mastro, Derruba do mastro, o Folião, Juízes de Festa, Juízes do Mastro, Meia-Lua, Novena, Procissão, Procurador do Santo, a Pedra, Trindade, Varrição, Bandeiras, os Donativos, a Farofa, a Dança do Solto, a Ladainha, os Cantos, os Tambores, o Almoço Comunitário, entre outros.

Imagem 02. Pequeno glossário dos elementos ritualísticos da festividade de São Benedito das Fortunas

- 1 **ALVORADA:** Espécie de romaria em que o povo sai, em cantoria pelas ruas da cidade, ao amanhecer anunciando o início dos festejos. Durante a alvorada há queima de fogos.
- 2 **ALVORADA:** Tem início logo nas primeiras horas da madrugada, véspera da primeira noite dos juizes da festa. Durante a alvorada os mordomos e juizes servem um reforçado café a todos os participantes.
- 3 **DERRUBA DO MASTRO:** É o momento em que juizes e mordomos derrubam o mastro a golpes de machado para anunciar o encerramento do festejo. Depois de derrubado o mastro, a imagem de São Benedito é entregue aos novos juizes e mordomos, responsáveis pelos festejos do ano seguinte:
- 4 **FOLIÕES:** Grupo de pessoas que fazem a folia, geralmente homens que tocam os tambores, cantam e sacodem a bandeira.
- 5 **JUIZES DA FESTA:** São os responsáveis pelas noite de festa na ramada. Ofertam o almoço ou jantar aos foliões e participam da cerimônia realizada durante a procissão.
- 6 **JUIZES DO MASTRO:** São responsáveis pelo mastro, enfeitando-o com os donativos e ofertam o primeiro almoço aos foliões. Também é de sua responsabilidade a primeira noite de festa na ramada.
- 7 **MEIA-LUA:** Procissão fluvial.
- 8 **MASTRO PELOS DEVOTOS:** Tronco de madeira que é elevado em frente à Igreja e a ramada, geralmente com uma bandeira com desenho da imagem de São Benedito. Neste mastro são pendurados frutos, guloseimas e até dinheiro ofertado
- 9 **NOVENA:** Ladainha ou oração do povo, reza e louvor ao São Benedito.
- 10 **PROCISSÃO:** Romaria feita pelas ruas da cidade conduzindo a imagem do Santo, cantando e rezando.
- 11 **PROCURADOR DO SANTO:** Pessoa responsável pela imagem do Santo fora da Igreja. É ele que entrega a imagem aos juizes do Mastro.
- 12 **PEDRA:** Rocha sobre qual os foliões se ajoelham para rezar caso tenham faltado com a responsabilidade no decorrer do festejo.
- 13 **TRINDADE:** Momento de oração e louvor ao Santo, feito somente pelos foliões junto à imagem.
- 14 **VARRIÇÃO:** Festa de encerramento da programação. Após a derruba do mastro, o Santo é conduzido à igreja pelos foliões e o povo. Depois voltam à ramada e caem na folia ao Som dos tambores. Durante a varrição é servida uma farofa que é disputada pelos foliões e o povo.

Imagem 03 e 04: Ramada e Capela do São Benedito das Fortunas



Fonte Acervo do autor



Fonte Acervo do autor

Na imagem 03 Temos a imagem de um casarão que, na cultura local denomina-se “ramada”. Em Souzel, esse espaço é chamado Ramadinha (pequena ramada) onde ocorre a festa religioso-profano-profana. A festividade envolve outros rituais e celebrações, como cânticos, danças, batuques, a ornamentação da Ramadinha de São Benedito, e a entrega do mastro à igreja ao final dos festejos. Na imagem 04, mostra a localização da capela. Esta capela está localizada à direita da ramada. A capela atua como o núcleo espiritual da celebração, acomodando a imagem central que mobiliza a devoção no período do festejo. A proximidade da capela à ramada destaca a interação entre os espaços sagrados e o espaço social da festividade.

E na Ramadinha que acontece a dança do solto que transcorre toda a celebração profana que envolve a dança do solto que se resume em roda de dança ao som de batuque de tambores, músicas que misturam canto afro e música da cultura local.

Essa dança e, na cultura souzelense, uma forma de agradecimento a uma graça recebida. Boa parte dessa dança e “puxada” por pessoas idosas juntamente com seus convidados. A dança finaliza quando um dos dançarinos - o mais exibido - e empurrado sobre tambores (batuqueiros). Nesse momento inicia a festa dançante ao som de aparelhagem contratado pelos responsáveis do noitário.

Imagem 05 e 06: Altar e Imagem do São Benedito das Fortunas

Fonte Acervo do autor



Fonte Acervo do autor

Sobre as imagens 05 e 06, referentes ao altar e a imagem de São Benedito das Fortunas, no Pará e em outras regiões simbolizam a forte tradição afro-brasileira. O altar e a imagem de São Benedito simbolizam também humildade, a fé, a caridade e a proteção, especialmente entre a população negra e mais pobre, sendo também associado a aspectos de unidade e partilha, com o santo sendo invocado para garantir o sustento e a fartura.

A imagem, que o representa como um frade franciscano, e os altares dedicados a ele, servem como um centro de devoção popular, ligado a festas tradicionais como as congadas, que celebram a fé e a união de todos os devotos. A imagem de São Benedito, que o retrata como frade franciscano, com seu hábito marrom, simboliza a humildade e a simplicidade de quem foi escravo, mas que abraçou a vida religiosa com profunda devoção e fé, mesmo sendo analfabeto.

O altar e a imagem servem como um ponto de referência para a comunidade negra, lembrando a luta contra o racismo e a opressão, e a importância de manter a fé e a identidade cultural. A imagem de São Benedito no altar e a festa que o celebra representa a alegria da fé, a esperança em tempos difíceis e a busca por um mundo mais justo e igualitário, onde o amor seja a força motivadora de todas as relações cotidianas.

Imagem 07 e 08: Levantação e Derruba do Mastro de São Benedito das Fortunas**Fonte Acervo do autor****Fonte Acervo do autor**

Sobre as imagens 07 e 08. O levantamento e derruba do mastro de São Benedito, em Souzel é um dos principais rituais da Festividade de São Benedito das Fortunas. O ato de levantar o mastro exige atenção e força e, é acompanhado por cânticos, orações e gritos de "viva" a São Benedito. A cerimônia envolve a elevação e derruba de um mastro de madeira envolvido em palha e, na ponta traz uma bandeira com a imagem do santo. Nesse mastro são amarrados muitos donativos, principalmente frutos (em casos especiais os festeiros amarram um saco contendo certo valor em dinheiro).

A derrubada consiste em cortar o tronco do mastro até derruba-lo. O mastro decorado simboliza o final das celebrações e também da festividade. A cerimônia tem origens em tradições antigas, tem caráter religioso, representa a gratidão pelas bênçãos, a fertilidade e a ligação com as festividades pagãs.

O mastro, frequentemente decorado com flores, bandeira do santo e muitos donativos são derrubados por populares adultos, marcando um momento de união e celebração na comunidade souzelense. A derrubada ocorre durante o fim da festa após a procissão do mastro. É um momento de grande participação dos devotos, que se reúnem na frente da capela.

Imagem 09 e 10: Procissão de São Benedito das Fortunas



Fonte: Acervo do autor



Fonte: Acervo do autor

As imagens 09 e 10 mostram imagens da procissão de São Benedito das Fortunas que atrai a comunidade em cortejo em uma manifestação cultural e religiosa com forte ligação à herança africana.

É um evento comunitário marcante que envolve a caminhada de fiéis com a imagem do santo pelas ruas, acompanhada de cânticos, orações e a emoção da fé, representando a caminhada da comunidade em busca de uma graça ou como um ato de gratidão, com o santo sendo carregado por um devoto, em um gesto de devoção. Nessas cenas das imagens 09 e 10 o povo celebra o santo com devoção carregando muitas bandeiras.

O cortejo envolve a comunidade local e vizinhança. Durante a procissão, o santo é levado nos braços por um promesseiro. Este é protegido por um guarda sol (sombrinha) e também por guardiões do santo.

A devoção se manifesta através de ações de intensa emoção em que se verifica aos devotos como olhos marejados, suplicando por graças e até sacrifícios, num contexto de profunda espiritualidade. A procissão tem um destino específico, como uma residência ou um local simbólico onde será feita uma cantoria (alvorada) que é um cortejo feito na madrugada, depois o santo é levado para outra residência antes de retornar à capela de origem.

Imagem 11 e 12: Meia-Lua ou Procissão Fluvial de São Benedito das Fortunas**Fonte: Acervo do autor****Fonte: Acervo do autor**

Nas imagens 11 e 12 segue a sequência desde o embarque ao trajeto a Meia-Lua (nome dado à procissão fluvial em que os barcos saem pelo rio em formato de meia lua) segue no Rio Xingu mostrado os promesseiros e devotos do santo com as bandeiras e fazem o percurso em frente à cidade. Após as três volta pelo rio à procissão finaliza e todos seguem para a ramada onde é servido um almoço pelos festeiros aos populares.

Imagem 13 e 14: Almoço com São Benedito das Fortunas**Fonte: Acervo do autor****Fonte: Acervo do autor**

Nas imagens 13 e 14, observa-se o almoço servido à comunidade. Neste momento são servidos pratos tradicionais da comunidade. No centro é colocada diretamente na mesa a farinha, uma tradição que, na festividade, significa a humildade que foi passada de geração em geração. Na imagem 12, é mostrados os foliões e os juízes almoçando e logo após, é liberado para os convidados e os visitantes.

O almoço comunitário na Festa de São Benedito simboliza fé, união, identidade e tradição, sendo um momento de partilha e confraternização onde a comida é um veículo para a transmissão de saberes culturais e espirituais de geração em geração, fortalecendo os laços sociais dentro da comunidade.

Este ato de partilha, muitas vezes com pratos tradicionais e feitos pela comunidade, vai além de uma mera refeição, sendo uma manifestação viva da devoção ao santo e da herança afro-brasileira, especialmente nas festividades realizadas por comunidades quilombolas. É um momento em que os membros da comunidade, familiares e descendentes se reúnem para celebrar e fortalecer os laços entre si.

A transmissão de saberes culinários também é um dos momentos marcantes da festividade. A comida preparada para o almoço carrega saberes culinários, educativos e espirituais que são passados de geração em geração, preservando a história local e a cultura alimentar da festa. A comida é um elemento fundamental de identidade e pertencimento para a comunidade, que a vê como uma base para a sociabilidade e para a manutenção das tradições da festa. O momento do almoço na festividade é considerado uma manifestação cultural local que vai além da religião, englobando a culinária, a música e outras formas de expressão do saber local.

O almoço comunitário é, portanto, um ritual de partilha que nutre o corpo e a alma, servindo como um elo vital entre o passado, o presente e o futuro da comunidade e, o legado de São Benedito, o santo escravo. Esse almoço é produto de doação ou oferta dos “festeiros” (juízes de festa) cuja responsabilidade é um dever de ofício.

Cada dia o almoço é servido pelos festeiros do dia que, em forma de pagamento de promessa, reúnem a família e doam o almoço a todos os comunitários. Essa devoção vem de muito tempo, nesse dia há um momento nesse dia que os parentes sentam todos à mesa para celebrar a Fé a São Benedito das Fortunas. É um encontro informal entre amigos, família ou colegas onde a partilha de comida fortalece laços e promove a interação social. Depois dessa cerimônia do almoço inicia-se a dança do solto ao som do batuque e em seguida a festa dançante.

Imagem 15 e 16: A festa dançante na ramadinha**Fonte: Acervo do autor****Fonte: Acervo do autor**

Nas imagens 15 e 16 mostram-se imagens da festa dançante durante o dia (à tarde) até às 17 horas. À noite, depois da novena, começa a festa dançante ao som aparelhagem contratada para a animação (som mecânico) e ou Banda regional. Durante a festa dançante é feito leilão de vários donativos. As oferendas são disputadas durante a festa. Os leilões arrecadam-se valores que são destinados a despesas com a festividade.

Figuras 17 e 18: Alvorada de São Benedito das Fortunas**Fonte: Acervo do autor****Fonte: Acervo do autor**

Nas figuras 17 e 18 tem-se a representação da Alvorada de São Benedito das Fortunas é um momento que inicia às 03 horas da manhã com o soar de fogos e a preparação das visitas às residências dos festeiros/promesseiros para a celebração com rezas e cantoria ao som do batuque de tambores, marcando o noitário dos festejos dedicados ao santo com a participação de fiéis e devotos.

Durante a alvorada o cortejo permanece por, pelo menos, 30 minutos em cada residência onde é servido o café da manhã com muitas iguarias e, ainda, vinho de uva para os que gostam de bebida alcoólica. Depois da reza o cortejo segue para outra residência e, ficam até 06 horas.

Imagem 19 e 20: A Varrição da ramada de São Benedito das Fortunas



Fonte: Acervo do autor



Fonte: Acervo do autor

A festa da varrição é dos momentos mais esperados pelos visitantes e simpatizantes. É nesse momento que se observa o ritual sagrado e o profano em uma sequência de ações: derrubação do mastro, dança do solto, ritual da farofa e festa dançante. Nesse momento é onde acontece a divulgação dos nomes de juizes de festa e organizadores do festejo para o próximo ano. Na festa dançante são tocadas músicas que fogem do sagrado e, é permitido o consumo de bebida alcoólica, até para os foliões. A noite de festa segue por toda anoite até ao amanhecer do dia. Nesse momento acontece o ritual da farofa que um dos elementos simbólico bem representativo da vida local. Os pescadores são as protagonistas da festa.

4.6 Análises dos elementos simbólicos da Festividade de São Benedito das Fortunas

A devoção a São Benedito, um santo negro e escravo, é um forte símbolo de identidade e religiosidade popular para os afrodescendentes e demais simpatizantes, facilitando a conexão com o santo. Os elementos simbólicos contidos na festividade de São Benedito das Fortunas aqui destacados, são elementos que, na sua essência, ajudam a compreender como os moradores ribeirinhos constroem e mantêm viva sua religiosidade, a partir de uma tradição secular que passa de pai para filho, numa perspectiva de manutenção da fé ou numa crença pagã, independentemente da aceitação da igreja oficial.

Os símbolos como o mastro, a meia-lua, as bandeiras, os tambores (o batuque), as cantorias (rezas em forma de canto), a dança do solto, as fitas de promessa, a pedra, os foliões, os donativos (oferendas), a farofa, entre outros foram os mais apontados pela pesquisa com os informantes. Todos estes elementos carregam uma simbologia cultural que muito descreve o *modus vivendi* da população, geralmente humilde. Isto tudo demonstra uma característica herdada da colonização que, misturada aos ritos de origem afro-indígena, formam a cultura amazônica (brasileira).

Muitos desses símbolos variam de lugar para outro, pois, as influências são diferentes, porém, muito da essência ainda se matem. A pedra, por exemplo, era um símbolo de punição nas festas de São Benedito, em Souzel. O folião que não cumprisse com suas obrigações era punido, por respeito ao santo, o sujeito era obrigado a ficar de joelhos sobre uma pedra por um tempo determinado. Atualmente esse rito foi abolido por se entender que o castigo lembra muito a escravidão.

O ritual da farofa, que antigamente era feito de carne de tartaruga, era assado e elevado para o meio do povo no casco do próprio animal. Era um elemento de cultura local, já que Souzel historicamente foi o berço das tartarugas da Amazônia. Os participantes da festa disputam um punhado dessa farofa, pois, entendem que se conseguirem, terá um ano de muita fartura. A farofa é um dos símbolos tão disputado pelo povo que, no final, acaba sendo derramada pelo chão da ramada. E, do chão mesmo, o povo pega um pouco e come. Atualmente essa farofa é feita de carne de gado e não mais de tartaruga por se entender que esse animal precisa ser preservado. Os fogos quase não se usam mais, pois entendem que os animais – sobretudo cães e gatos – sofrem com o ruído provocado pelo estampido das “pistolas” (fogo de artifício).

A fita colorida, como em outros festejos do santo, é resultado de promessa em que o promesseiro paga ao santo sua altura e diâmetro (“grossura” como e dito em Souzel) em fita colorida. A meia-lua é um elemento de muita animação, pois os moradores locais fazem questão de levar os devotos em seus barcos, canoas-rabeta, lanchas, etc. Até mesmo as balsas, quando ancoradas no trapiche municipal, são convidados a participar dessa procissão fluvial.

Os donativos, geralmente frutos da época, também são símbolos que muito representa a festividade. São esses donativos que adornam o mastro do santo. Estes são doados pelos devotos como agradecimento a graças alcançadas. Boa parte desses frutos é comprada em supermercados locais, pois, segundo informações de moradores, o que vale é a intenção. Porém, percebe-se que, atualmente os agricultores não moram mais na roça, portanto é de se esperar que, para relembrar seu passado de produção, fazem a doação de frutos que tem no comércio. Neste caso, registra-se o movimento do campo para a cidade. Isso tem acontecido por toda a Amazônia.

Sobre o louvor a São Benedito, é sabido que essa festividade acontece em muitas localidades do Pará. Na região do Baixo Xingu, as festas em honra aos santos são uma expressão vibrante de misticismo, tradições e fé.

Ressalta-se que os festejos carregam consigo a simbologia da tradição de passar para a nova geração toda a cultura que traz a história de seus antepassados em que cada elemento da festividade de São Benedito é resultado de muitas semioses, isto é, mistura de muitas crenças, folguedos, conhecimentos etc. Tudo isso é que torna nossa cultura imensurável. O território paraense, formado por indígenas, negros e europeus, é um exemplo de rica diversidade cultural, que deu origem a um folclore vasto e abundante. Nas cidades do interior, as festividades em homenagem a São Benedito são uma tradição compartilhada, repleta de simbolismos e valores comuns. Segundo Giddens (1990, *apud* Hall, 2011, p. 15):

(...) nas sociedades tradicionais, o passado é venerado e os símbolos são valorizados porque contêm e perpetuam a experiência de gerações. A tradição é um meio de lidar com o tempo e o espaço, inserindo qualquer atividade ou experiência particular na continuidade do passado, presente e futuro, os quais, por sua vez, são estruturados por práticas sociais recorrentes (Giddens, 1990, p. 37-38 *apud* HALL, 2011, p. 15).

No estado do Pará temos uma forte devoção ao santo preto, o São Benedito, que une comunidades, municípios, quilombos e regiões metropolitanas, compartilhando tradições centenárias transmitidas de geração em geração. No contexto amazônico, o

catolicismo se estruturou em torno das irmandades, que desempenharam um papel fundamental na organização de festividades em homenagem a São Benedito. Em Gurupá e Bragança, essas celebrações têm raízes nas irmandades de escravos do período colonial, que buscavam preservar suas crenças e tradições. De acordo com Lira (2021), essas festas compartilham semelhanças significativas em sua conexão com São Benedito, refletindo a influência da diáspora africana e da cultura indígena na região.

A vinda dos escravos para o território amazônico trouxe consigo uma rica troca cultural com os europeus, resultando em uma expressão única de fé. Além disso, essas festividades demonstram uma intermediação entre o sagrado e o profano, adaptando-se aos costumes locais e incorporando elementos de modernização. Em Bragança (PA), a Festa de São Benedito tem suas raízes na mistura de culturas do catolicismo ibérico e da cultura negra, surgindo entre os séculos XVIII e XIX, conforme aponta Lira (2021). Essa fusão deu origem à Irmandade do Glorioso São Benedito. A celebração inicia-se com uma impressionante procissão fluvial, que percorre diversas atividades. A festa inicia com a procissão fluvial no dia 08 de dezembro e durante quase todo o mês ocorrem atividades como os ensaios dos marujos (as), procissões, coleta de doações, esmolações, cavalhadas, missas, ladainhas, almoços, leilões e com o encerramento da festa no dia 26 de dezembro às 00 h, com dança no entorno da Igreja de São Benedito pela Marujada e subida da imagem do Glorioso São Benedito ao Altar Mor (Livreto, 2014 *apud* Lira, 2021, p. 410). A devoção em análise apresenta uma ampla repercussão, tanto dentro quanto fora do Pará, refletindo sua significativa popularidade. Sua origem remonta a 1798. Conforme estudos de Duarte, Miranda e Souza (2015, p. 190), essa devoção se caracteriza por três manifestações: o santo da praia, do campo e da colônia:

A festividade, no Pará, geralmente acontece no mês de dezembro. Nos dias de festa a comunidade o dia em atividade organizando leilões, preparando o almoço e permanece o dia todo na ramada de São Bendito, que compreende o barracão junto à capela - salão onde acontecem os leilões e a festa profana. Nesse dia os devotos e simpatizantes comemoram em família os votos alcançados. No dia da derruba do mastro é o grande dia com atividades durante o dia todo. Durante a manhã tem a alvorada saindo da capela ate as casas dos promesseiros à tarde por volta das 16 horas começa a procissão pelas ruas do centro da cidade (Souza, Duarte e Miranda, 2015, p. 190).

A festividade, descrita por Souza, Duarte e Miranda (2015), exemplifica a rica expressão cultural da região. Os fiéis, vestidos com trajes tradicionais, participam de uma cerimônia rezas, fogos e dança. Esta festividade exerce influência significativa na construção cultural do estado, inspirando eventos semelhantes. A Festa ao Santo Preto,

em Ananindeua, iniciada em 1985, a Festa de São Benedito de Gurupá e, – uma das maiores – a Festa de São Bendito de Bragança, entre muitas no estado e no Brasil, muito ilustra essa influência da cultura afro-brasileira (Vieira, 2019), aos moldes da que é realizada em Bragança, celebrando o que será interpretado como “bragantidade”, ou seja, a presença de elementos simbólicos para representar o pertencimento aos nascidos na cidade de Bragança com determinadas formas de fazê-lo, traduzidas nesta ‘condição’ de bragantinos. Serão assim, em torno da festa, que serão acionados os elementos que marcam esta celebrada identidade (Vieira, 2019, p. 93 – 94).

A festividade em Ananindeua reproduz elementos culturais de Bragança, como patrimônio musical (músicas e ritmos), instrumentos, rituais religiosos, simbologia cromática e iconografia do santo, demonstrando uma clara influência cultural. A devoção a São Benedito no Baixo Amazonas se evidencia na festa centenária de Gurupá (PA), um importante evento cultural que perdura graças à fé dos fiéis, conforme destacam Saboia e Mendes (2023). Essa celebração inclui tradições como a escolha e derrubada do mastro, símbolo da devoção.

Como já foi mencionado, o São Benedito é mundialmente popular, e sua influência é bastante relevante nas molduras das culturas paraenses. Os aspectos que interligam os festejos no estado paraense vão além da fé e devoção. Em *January*, no quilombo de Oriximiná (PA), também a celebrado o santo preto, que compartilha dos demais elementos do catolicismo e africanos, o *iaué*, que teve origem no século XIX, sob o contexto da colonização, segundo Portela e Carvalho (2020). No quilombo *Pocoval*, em Alenquer (PA), também há a festa ao santo, assim como em Almeirim (PA); ambos os municípios carregam essa tradição há mais de um século, com seus ritmos orquestrados por instrumentos feitos de madeira e couro de animal, o levantamento e a derrubada do mastro, e a passagem de experiências para a nova geração. O quilombo de *Pocoval* tem como sua marca cultural a *marambiré*, ritmo que tem ancestralidade africana, e em Almeirim, o ritmo que agrega à festa é o gambá, que possui a mesma base, assim como descrevem Portela e Carvalho (2020).

Os festejos a São Benedito no Pará apresentam particularidades regionais, mas compartilham uma origem comum na ancestralidade africana. As festas realizadas ao santo são semelhantes entre si; porém, carregam algumas características particulares. Isso se deve ao fato de que a cultura sofre modificações com o passar do tempo, sendo adicionados ou retirados, até mesmo modificados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao finalizar este trabalho devo dizer que foi um grande aprendizado, pois, não tinha me atentado para as riquezas culturais que temos a explorar ao nosso redor. Nestas simples considerações finais destaco que o conceito de cultura popular engloba manifestações, atividades e símbolos produzidos na tradição e na experiência cotidiana de um povo. Falar de cultura é discutir sobre as relações de poder entre símbolos e manifestações culturais. Quando consumida por classes dominantes, a cultura popular é prestigiada. Entretanto, em certas ocasiões, essa cultura se manifesta também contestando o poder dominante. Isto é que moveu minha vontade de escrever sobre esse tema.

A pesquisa sobre a cultura popular trouxe a mim a percepção de que por muito tempo ela foi considerada como algo simplesmente tradicional e até um sinal da alienação do povo. Contudo, essa visão tem sido contestada por estudos que comprovam que a cultura popular é rica, mutável e está sempre em uma relação de tensão com os blocos de poder dominantes. Assim, a religiosidade é resultado dessas “alienação”.

A partir dessa compreensão entendemos que cada pessoa tem no seu interior a noção do que é popular, que é definido pela vertente de tradição e comunidade. Muitas vezes classificada como cultura tradicional ou cultura de massas, a cultura popular é um conjunto de manifestações criadas por um grupo de pessoas que têm uma participação ativa nelas.

Nesta pesquisa tratou-se dos símbolos de cunho religioso no contexto da festividade em louvor a São Benedito das Fortunas, em Souzel (Senador Jose Porfírio). Festa que se destaca pela crença popular em simbolismos e mitos. A adoração a objetos, imagens ou qualquer material que represente algo espiritual desloca-se entre o sagrado e o profano; mas, especificamente, o profano interliga a realidade ao sagrado. Assim, podemos dizer que a religiosidade ainda está à margem do contexto em que, semelhante a Deus, sua imagem é o único meio salvador e restaurador da dignidade em meio à realidade da sociedade moderna.

Apreendi que, às vezes, certas manifestações religiosas podem ser conformistas ou resistentes aos blocos de poder, mas sempre como um ponto crítico. Na cultura popular a religião é expressa por uma atitude adotada por várias gerações. Transmitida

oralmente, dos elementos mais velhos para os mais novos. A nossa cultura, é também, caracterizada por diferentes categorias culturais, causadas pelo regionalismo. Além da cultura religiosa é possível verificar variações em outras linguagens simbólicas como a música, a dança etc.

É evidente que a cultura popular brasileira está profundamente enraizada na religião e, esta, por sua vez, está intimamente ligada à experiência individual. O ser humano tem uma necessidade intrínseca de conectar-se ao espiritual, buscando significado e propósito em sua existência. Mesmo aqueles que não se identificam como religiosos precisam de uma crença ou valor que os ligue à dimensão espiritual, transcendendo a realidade cotidiana. Essa busca por conexão espiritual é um aspecto fundamental da condição humana.

A partir deste trabalho pude perceber que são vários os símbolos que representam a crença ou a fé no santo que, particularmente traz as diferentes concepções simbólicas da cultura popular. A compreensão dessa linguagem permite conhecer a fundo as tradições, a religião, a culinária, os costumes, o modelo de organização familiar, a política, entre outras características próprias de um grupo de seres humanos que habitam um determinado território.

O conjunto de símbolos trazidos nesta pesquisa nos permitiu refletir mais profundamente sobre o conceito criado para compreender os processos de diferenciação entre as várias culturas que existente. As múltiplas culturas formam a chamada identidade cultural dos indivíduos ou de uma sociedade; uma "marca" que personaliza e diferencia os membros de determinado lugar do restante da população. A diversidade dos elementos simbólicos significa a pluralidade, variedade e diferenciação, conceito que é considerado o oposto total da homogeneidade.

Entendi que atualmente, devido ao processo de colonização e miscigenação cultural entre a maioria das nações do planeta, quase todos os países possuem a sua diversidade cultural, ou seja, um "pedacinho" das tradições e costumes de várias culturas diferentes. As diferenças são bastantes visíveis mesmo entre as diferentes regiões do país. Os festejos da região Norte são altamente influenciados pela cultura indígena, como também pela religiosidade cristã.

Na abordagem sobre os aspectos simbólicos da festa de São Benetido percebeu-se que esse festejo religioso acontece em vários municípios do Estado do Pará e do Brasil. Em Souzel, essa celebração acontece de modo diferente devido as influencias

recebidas. Essa cultura se manifesta também contestando o poder dominante. Em Souzel há duas festas para o mesmo santo, a diferença é que um é grande e, o outro é pequeno. A festividade de São Benedito Grande que é realizada pela igreja católica, no Ramadão e a de São Benedito das Fortunas (São Benedito gito), e realizada por promesseiros (pessoas simples da comunidade) na Ramadinha, local onde ocorre o festejo.

A diferença entre os dois festejos é que uma obedece aos ritos religiosos oficiais da igreja Católica, a outra nem tanto. No Ramadão (da igreja católica) não acontece a festa dançante, mas na Ramadinha sim e com venda de produtos a base de álcool. A religiosidade e rituais nem sempre são os mesmos pois no festejo de São Benedito das Fortunas não se tem a presença do padre ou paroco

Nas duas festa se reúnem devotos do Santo de vários lugares. O Ramadão (salão onde acontece a festa) e na Ramadinha, tornam-se local de um encontro de várias famílias tradicionais da cidade que participam dos festejos em homenagem ao santo desde muito tempos, carregando consigo uma tradição de seus antepassados, mostrando grande fé e agradecimento pelas graças alcançadas.

O festejo popular de São Benedito das Fortunas, tem maior participação dos populares pela oportunidade de participar dos rituais religiosos e o profano. O lado profano compreende as festas dançantes que lotam o salão, os leilões de comidas e o bolo do santo que pode chegar a um valor bem alto, bingos e a popular dança do solto. Neste festejo acontecem muitos momentos simbólicos importantes para aqueles que participam, tais como: a meia lua, elevação do mastro, alvorada, festas profanas e a dança do solto, a farofa e varrição.

Destaque também para a Meia-Lua (conhecida como procissão fluvial) começa sempre muito animada. A Meia-Lua acontece em frente a cidade, é uma espécie de procissão fluvial, onde várias embarcações de todos os tamanhos acompanham um barco maior que leva o Santo, seus mordomos, juizes da festa e foliões.

Durante a Meia Lua, os juizes do mastro tem uma obrigação, a de apresentar um mastro de madeira o qual é carregado para a frente da igreja de São Benedito para ser enfeitado e elevado. Geralmente o mastro é ornamentado com ramos naturais, frutas e até uma quantia em dinheiro. Por volta das 18 horas do mesmo dia de início da festa acontece a elevação dos mastros os quais são levantados na frente da capela e em frente

o ramada, ficando até o encerramento da festa, quando acontece o momento final com a tradicional derrubação do mastro.

No período da festa ocorrem diversos momentos, como: As trindades que são espécies de agradecimentos e orações a São Benedito feitos pelos foliões todos os dias, às 18 horas na capela. Na hora das orações os foliões rezam, pedem perdão e se tiverem cometido alguma indisciplina (pecado) são obrigados a rezar dezenas de Pai e Nosso e Ave Marias para purificação e remissão dos pecados. Este ato é obrigatório e a quantidade de orações são estipuladas pelo mestre de cerimônia da festa, no caso sempre é o folião mais idoso e conhecedor de todo o procedimento da festa. As ladainhas, missas e outras programações religiosas são realizadas todas as noites até o encerramento da festa.

A tradicional alvorada tem uma data específica para acontecer, certamente é realizada na quinta-feira para amanhecer sexta. A alvorada é um evento que acontece para agradecer os noitários (mordomos e juizes da festa). Inicia-se sempre durante a madrugada, onde os foliões saem pelas ruas e, em frente as casa dos promesseiros responsáveis pelos noitários, fazem uma espécie de agradecimento específico, cantando e bantendo os tambores e os anfitriões por sua vez, abrem as portas de suas casas e oferecem algo para beber e comer, após os cânticos dos foliões. O momento da alvorada é acompanhado por várias pessoas da comunidade que aproveitam para comer e beber junto com os foliões as iguarias (chocolate com leite, caldos, vinhos e café com leite, sempre acompanhados de um bolo de macaxeira ou de trigo) que as vezes não dão conta de consumir tudo que é oferecido a eles.

Na maioria das vezes as festa dançantes acontecem nos dias de sexta, sábado e domingo na Ramada de São Benedito. Antes da festa dançante ocorre primeiro o leilão e bingos de oferendas de todos os devotos e comunitários arrecadados pela direção da festa. Em seguida as festas são realizadas e todos as pessoas de todas as idades (maiores de 18 anos) são convidadas a participar ficando até por volta das 04 horas do dia seguinte.

Um dos momentos especiais dos festejos, após a celebrações religiosas, acontece assim: os foliões entoam um tipo de carimbó específico dos festejos e, ao som do reco reco, xeque-xeque e tambores, as pessoas dançam o ritmo conhecido como a Dança do Solto.

A festa é encerrada com a derrubação do mastro, porém, antes é feita a procissão pelas ruas da cidade. Ao chegar na igreja há um momento especial que é chamado de Varrição. A varrição é assim: todos os foliões enrolam as bandeiras e colocam na posição de lança e saem pelo salão fazendo um ritual de guerra (tipo quando se quer enfrentar algo), uma pessoa sai carregando um casco de tartaruga na cabeça cheio de farofa, e geralmente para carregar o casco é convidado uma pessoa bem alta para que as outras pessoas não derrubem tão rápido, após umas três voltas no salão a pessoa fica cansada de tantas tentativas de avanço para pegar a farofa e acaba derrubando no chão o casco com farofa e tudo. Então os que estão só esperando este momento para saborearem um pouco da farofa correm para o meio do salão e comem o que sobrou. Comem sem se importar se é do chão ou não, o importante é provar um pouco da deliciosa farofa.

Com o advento da tecnologia muitas tradições simbólicas da festividade de São Benedito vem mudando. As pessoas mais antigas contam que antes as festas eram realizadas somente com os instrumentos musicais como os tambores e os xeque-xeques e o reco-reco, porém atualmente praticamente a dança do solto acontece pouco. Percebe-se que a industrialização trouxe consigo o dinamismo das cidades, a velocidade e o choque entre diferentes concepções de mundo. Essa realidade foi incorporada à arte, que passou a retratar a vida urbana e o indivíduo na massa. A influência da indústria cultural e a expressão das culturas periféricas também se tornaram elementos importantes na cultura brasileira atual. Mas, o exemplo está bem perto de nós, basta verificar o mundo que nos cerca. Essa herança é símbolo de resistência nas comunidades quilombolas e urbanas, como Bragança e Gurupá, onde o sincretismo cultural se manifesta em hierarquias, vestimentas, ritmos e instrumentos musicais.

Com o processo de transmissão de conhecimento, a formação de identidade passa por mudanças; então, assim diz Hall (2011, p. 15): “As sociedades modernas são, portanto, por definição, sociedades de mudanças constantes, rápidas e permanentes. Esta é a principal distinção entre sociedades tradicionais e as modernas”.

Os jovens parecem ter vergonha da sua própria cultura, pois poucos participam da referida dança. O que realmente tem animado a festa são as músicas mecânicas ou uma banda ao vivo que atrai um grande público para se divertir e deixar um bom lucro para a manutenção da capela.

Por fim, devo ressaltar que este trabalho me ajudou bastante a entender e valorizar cada vez mais minha cultura e tradições religiosas pois, sou filho dessa cidade e preciso por em pratica meus conhecimentos adquiridos na faculdade. Os saberes que obtive me permitiu enxergar mais profundamente a minha cultura e isso me permitiu escrever um pouco sobre esse aspecto religioso que tanto tem chamado a minha atenção ultimamente.

Espero que este trabalho sirva como incentivo para nossos municipes de modo que valorizarem mais a cultura religiosa de Sao Benedito da Fortunas e possam tambem refletir sobre os aspectos simbolicos contidos nessa festa e poderem tirar suas conclusoes a aprtir de comparações do que é contado pelos antigos moradores e familiares e, que posam entender as tranformações que vem aconrtecendo ao lono do tempo. Espera-se também que estes escritos, mesmo que de forma simples, sirvam de base para outras pesquisas e que os estudantes possam (re)conhecer melhor e valorizar nossa cultura souzelense.

REFERÊNCIAS

- BAYMA, Adelson Luiz. **Pequeno Dicionário dos elementos simbólicos dos Festejos de São Benedito**. Souzel - PA. In. Revista da Paróquia de Souzel. Igreja de São Benedito, 2002.
- BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Bertrand, Rio de Janeiro, 1998.
- BOSI, Alfredo. **Cultura Brasileira e Culturas Brasileiras**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. São Paulo: Global, 1997, 2016.
- CARVALHO, Luciana Gonçalves de; PORTELA, Leide Joice Pontes. **Presenças negras e as festas de São Benedito no Baixo Amazonas. (SEM)TESE**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 3, p. 46–57, 2021. DOI: 10.12957/synthesis.2020.63162. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/synthesis/article/view/63162>. Acesso em: 17 de maio 2023.
- CASIMIRO, L.A.E.S. **O método iconográfico e sua aplicação na análise da fachada da Igreja da Madre de Deus em Macau**. In: HERNÁNDEZ, M.H.O., and LINS, E.Á., eds. *Iconografia: pesquisa e aplicação em estudos de Artes Visuais, Arquitetura e Design* [online]. Salvador: EDUFBA, 2016, pp. 18-39. ISBN: 978-85-232-1861-4. <https://doi.org/10.7476/9788523218614.0003>. Acesso: 17 maio de 2025.
- ELIADE, Mircea. **Imagens e símbolos**. Tradução: Adozinda Oliveira Soares. Lisboa: Arcádia, 1979.
- ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. Tradução, Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- FERREIRA, L. A. **Leitura e persuasão: princípios da análise retórica**. Contexto: São Paulo, 2010, p. 07-37.
- FILHO, Ivan Cavalcante. **São Benedito e sua devoção nos conventos franciscanos do Nordeste colonial**. Revista Vitruvius, 2020. Disponível: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/20.238/7662> Acesso: em 31 de agosto, 2024.
- GIDDENS. Anthony. **As Consequências da Modernidade**. Tradução de Raul Fiker. São Paulo. Editora UNES, 1991.
- HALL, Stuart. **A identidade Cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopez Louro – 11 edição – Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 11 ed., 1. reimp. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.
- HALL, Stuart, Liv Sovik (Org.) **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Tradução de Adelaine La Guardia Resende, Ana Carolina Escosteguy, Cândia Álvares, Francisco Rüdiger, Sayonara Amaral. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence (orgs.). **A invasão das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

JAKOBSON, R. (2012). In. ZYLKO, B. **La cultura e la semiótica: notas sobre la concepción de la cultura de Lotman**. Entretextos - Revista Electrónica Semestral de Estudios Semióticos de la Cultura, n. 5, 2005. Disponível em: <<https://revistas.periodicos.pucs.br>> Acesso em: 20 jun. 2025.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LESSA, Ivair Ferreira. **Município de Senador José Porfírio: ciclos econômicos, vida política e panoramas sócio-educacionais**. Belém, PA: Meridional, 2007.

LIRA, Lucia Maria Barbosa. **As cidades amazônicas e a devoção a São Benedito**. Revista Educação e Humanidades, vol. II, n. 2, jul-dez, 2021, p. 394-424. Disponível: <https://www.periodicos.ufam.edu.br/index.php/reh/article/view/8552> Acesso em: 22 de agosto, 2024.

LOPES, Robson Wander Costa. **Formas simbólicas na folia do santo negro**. Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Pará (IHGP), (ISSN: 2359-0831 - online), Belém, v. 05, n. 01, p. 110 - 124, jan./jun. 2018. Disponível: <https://ihgp.net.br/revistaogs/index.php/revihgp/article/view/153> Acesso: 14 de junho, 2024.

LUZ, Alvaci Mendes da et al. **Os negros de São Benedito na Igreja do Convento de São Francisco (São Paulo, 1854-1901): resistência e protagonismo em um território de disputas**. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo PUC-SP, 2022. Disponível: https://riefbr.net.br/sites/default/files/cat_refbibliografica/files/diss_luz_a_m_2022_os_negros_de_s_benedito_na_igreja_do_convento_de_s_francisco_sp_1854-1901. Acesso: 15 de abril de 2024.

MACEDO, Emiliano Unzer. **Religiosidade popular brasileira colonial: um retrato sincrético**. Revista Ágora, Vitória/ES, n. 7, 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/agora/article/view/1918>. Acesso em: 10 agosto 2024.

MOREIRA, Altamir. **A Iconografia em revisão. Contemporânea, Santa Maria**. UFSMv.1, n.1, e9, 2018, p. 01 - 08 Disponível: <https://periodicos.ufsm.br/contemporanea/issue/view/1368> Acesso: 17 de maio de 2025.

OLIVEIRA, Joyce Farias de. **Negro, mas belo: São Benedito, o santo preto da Idade Moderna**. Encontro de História da Arte, Campinas, SP, n. 12, p. 368-375, 2017. DOI: 10.20396/eha.12.2017.4535. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/eventos/index.php/eha/article/view/4535>. Acesso em: 10 abr. 2024.

PAIVA, José Maria. **Religiosidade e cultura brasileira: séculos XVI- XVII**. Maringá: Eduem, 2012.

PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica**. Tradução de José Teixeira Coelho Neto. São Paulo: Perspectiva, 2000.

PIGNATARI, Décio. **Semiótica e literatura**. 6 ed. São Paulo: Ateliê Editorial: 2004.

PORTELA, Leide Joice Pontes; CARVALHO, Luciana Gonçalves de. **Presença Negras e as Festas de São Benedito no Baixo Amazonas**. [SYN]THESIS, Rio de Janeiro, v. 13, n. 3, p. 46-57, set./dez. 2020. Cadernos do Centro de Ciências Sociais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/synthesis/article/view/63162>>. Acesso em: 18 de setembro de 2024.

RODRIGUES, Cátia Cilene Lima. **A Religiosidade Popular Brasileira**. Revista Relegens Thréskeia, [S. l.], v. 4, n. 1, p. 132–147, 2015. DOI: 10.5380/rt.v4i1.42266. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/relegens/article/view/42266>>. Acesso em: 15 agosto. 2024

SABÓIA, Camila Pinheiro; MENDES, Cristiane da Silva. **O sincretismo religioso em Ribanceira de Dalcídio Jurandir: narrativa de devoto de São Benedito no Município de Gurupá/PA**. Pará: Universidade Federal Rural da Amazônia, 2023. Disponível: <<http://bdta.ufra.edu.br/jspui/handle/123456789/3300>>. Acesso em: 01 de outubro, 2024.

SANTAELLA, Lúcia. **Semiótica Aplicada**. Cengage Learning. São Paulo, 2015.

SANTAELLA, Lúcia. **O que é semiótica**. São Paulo: Brasiliense, 2003.

SANTAELLA, Lúcia. **Teoria geral dos signos**. São Paulo: Pioneira, 2000.

SILVA, Márcio Douglas de Carvalho. **Irmandades religiosas e devoção a santos negros no Brasil escravocrata**. Vozes, Pretérito & Devir Dossiê Temático: História, África e Africanidades. Ano III, Vol. VI, Nº I (2016). Disponível: <<https://revistavozes.uespi.br>>. Acesso: 12 de maio de 2024.

SILVA, Daniel Neves. **“Folclore”**: Brasil Escola. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/folclore>>. Acesso em 02 de setembro de 2022.

SOUZA, Diego Tarcísio Matos; DUARTE, Maria Marize; MIRANDA, Rosinda da Silva. **Religiosidade, experiências e saberes: evidências na festa da Marujada do glorioso São Benedito em Bragança**. Anais dos Simpósios da ABHR, [S. l.], v. 14, 2015. Disponível em: <https://revistaplura.emnuvens.com.br/anais/article/view/1054>. Acesso: 12 agosto de 2024.

SOUZA, Warley. **“Semiótica”**: Brasil Escola, 2022.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura**. 2 ed. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VIEIRA, Sonia Cristina De Albuquerque. **“Viva o Glorioso!” Um Estudo a Festa da Irmandade de São Benedito em Ananideua/PA**. Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura da Universidade da Amazônia: vol. 16, n. 1. jun. 2019. Disponível: <<https://revistas.unama.br/index.php/asasdapalavra/article/view/1678>>. Acesso: 08 de outubro de 2024.